PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
14 Setembro de 2016
Nº **177/178** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA
Pintura • Desenho • Escultura

"Dois artistas um só nome"

Museu de Aveiro | Santa Joana
17 Setembro (16h) a 16 Outubro

ESPECIAL // PÁGs. 12 a 16

Encontros com a escultura pública da Invicta

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef.: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís
António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | **Helder Pacheco**
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | **Levi Guerra**
Lídia Jorge | Mário Cláudio
Miguel Cadilhe | **Miguel Veiga**
Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | **Alberto Cadilhe** | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | **Artur Serra Araújo**
Carlos Cabral Nunes | **Carlos Tavares** | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | **Francisco d'Eulália** | Francisco Noronha
Francisco Simões | **Guilherme d'Oliveira Martins** | Helena AM Pereira
João Cardim | Jorge Leandro | **Jorge Sanglard** | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | **Manuel Sobrinho Simões**
Manuela Aguiar | **Maria Antónia Jardim** | Maria do Carmo Cardoso
Mendes | **Martinho Soares** | Miguel Leite | **Mónica Baldaque**
Paulo Ferreira da Cunha | **Pedro Cardim Ribeiro** | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | **Rudesindo Soutelo** | Silvina Pereira | **Vasco Rosa**

PARCERIAS

APOIOS

Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do BancoBIC

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

Na verdade, não temos saudades, é a saudade que nos tem, que faz de nós o seu objecto. Imersos nela, tornamo-nos outros. Todo o nosso ser ancorado no presente fica, de súbito, ausente.
Eduardo Lourenço -
(Mitologia da Saudade)

A melancolia que envolve a perda de amigos cola-se a nós impiedosamente e, de repente, as palavras escondem-se. Fica-se sem saber o que dizer, perdidos numa saudade de dias futuros onde o sorriso, o abraço e o olhar amigo habitam os dias passados em cumplicidades feitas de amizade e de acreditar. É certa a finitude humana, como o é de tudo o que vive; é certo que a doença e o envelhecimento aguardam cada um de nós na justa medida em que o calendário de vida avança, mas por mais que a realidade nos empurre para essas certezas, é difícil prepararmo-nos para a perda física das pessoas de quem gostamos. Simplesmente, não queremos pensar nisso! Egoístas do sentir, protegemo-nos do "vento que passa" para não recebermos más notícias sobre os nossos Amigos; até que um dia o vento nos arrasta para o turbilhão negro da sua morte. Perdemos, nestes últimos dias, dois dos nossos mais queridos, próximos e gentis Amigos: o Dr. Luis Telles de Abreu e o Prof. Barbosa de Melo. Estes dois Homens, exemplares pelo seu civismo, sentido ético e responsabilidade social, fazem-nos falta. Fazem-me falta!

É uma injustiça!
Ligam-me a ambos uma Amizade fortalecida pelo apoio profissional que sempre recebi, pelo cavalheirismo sedutor das palavras de incentivo e pela sua presença elegante e alegre nas iniciativas culturais e cívicas ao longo de anos.
Não, não me falem de preparação para a perda. Hoje não!
Hoje, a saudade tira-me daqui e para onde me leva não existem as palavras certas que exprimam o que sinto.
Às famílias o meu e nosso sentido pesar!
Aos Amigos a minha e nossa solidariedade.
De ambos guardarei, guardaremos, o sorriso.

Nota: A Feira do Livro do Porto termina domingo próximo e visitá-la, ali nos jardins do Palácio de Cristal, é lavar a alma da tristeza das más notícias. Dura pouco, mas "é eterno enquanto dura".
A todos boas leituras em artes feitas

NOTA
O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

«100 Tesouros da Biblioteca Pública do Porto»

Até ao 13 de Novembro a Galeria Municipal do Porto, nos jardins do Palácio de Cristal, acolhe a exposição «100 Tesouros da Biblioteca Pública do Porto». A mostra, com curadoria de Fernando Pinto do Amaral, está organizada em 12 núcleos temáticos e cronológicos e dá a conhecer livros impressos – onde se incluem alguns incunábulos –, códices medievais, mapas e litografias.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT
À venda, para além dos locais habituais:
Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis e Livraria Lello

Guilherme d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

João Paulo Monteiro

A melhor tradução em língua portuguesa do «Leviatã» de Thomas Hobbes (INCM, 1995), obra fundamental do pensamento político ocidental, deve-se a João Paulo Monteiro, com o apoio de sua mulher Maria Beatriz Nizza da Silva. Trata-se de um português, que fez o seu magistério no Brasil e que foi um dos grandes pensadores mundiais contemporâneos da Filosofia Política. Fomos surpreendidos pelo desaparecimento inesperado de um dos mais prestigiados cidadãos luso-brasileiros na contemporaneidade. E não se pense que se trata de qualquer excesso nosso para com um amigo. O tempo confirmará o que dizemos – uma vez que não é possível estudar David Hume ou Thomas Hobbes em qualquer Universidade do mundo, em especial as mais prestigiadas, sem conhecer e compreender o criterioso contributo de originalidade e rigor deste indiscutível mestre. E o certo é que são raras as referências mundiais por parte dos nossos pensadores – merecendo, por isso, especial invocação um dos nossos maiores. A notícia passou despercebida, mas não pode ser deixada em claro. João Paulo Monteiro foi uma referência cívica e académica da cultura portuguesa atual. Filho de Adolfo Casais Monteiro seguiu seu Pai no caminho do exílio por razões políticas, afirmando desde muito cedo a sua independência de espírito e qualidades excecionais de pensador e filósofo. Não esquecemos o modo principesco como recebia seus amigos em S. Paulo e a simplicidade do seu trato. Era casado com a historiadora Maria Beatriz Nizza da Silva, outra grande amiga, com quem partilhou um trabalho académico excecional, sobretudo considerando que é uma das maiores especialistas da História de Portugal e Brasil. Trata-se de uma dupla singularíssima, onde encontramos uma complementaridade de primeiro plano. É difícil encontrarmos uma convergência tão rica e uma reunião tão evidente de qualidades científicas de exceção. Na Universidade de S. Paulo (USP), onde fez carreira universitária e era Professor Emérito, destacou-se desde cedo como um dos grandes especialistas mundiais do pensamento de David Hume. Em 1967, apresentou a dissertação sobre os «Ensaios Políticos» de David Hume, tendo como orientador o Professor Bento Ferraz Júnior. Em 1973 obteve o grau de Doutor em Filosofia com «Teoria, Retórica, Ideologia: Ensaio sobre a Filosofia Política de David Hume». Em 1975 obteve aprovação para a livre-docência ainda na USP no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, com a tese «Natureza, Conhecimento e Moral na Filosofia de Hume». A sua paixão por Hume deve-se à importância crucial deste no desenvolvimento da filosofia do século XVIII – «só a filosofia de Kant lhe pode ser comparada. E todo o estudante sabe, pelo menos, que o grande filósofo alemão só soube desenvencilhar-se da submissão à metafísica tradicional a partir do momento em que a leitura das obras de Hume o despertou desse "sono dogmático". Hume tem assim a honrosa responsabilidade de duas grandes filosofias: a sua própria, e essa outra que ajudou a despertar. Para não mencionar a sua persistente influência, sob formas diversas, na filosofia francesa do seu século e parte do seguinte, e na filosofia de língua inglesa até aos nossos dias».

João Paulo era um filósofo criterioso, investigador probo, pedagogo aberto e próximo dos seus alunos, ensaísta de excecional qualidade – nunca tendo deixado o seu empenhamento cívico e político, numa perspetiva sempre independente, próxima da social-democracia moderna, na linha de Norberto Bobbio, centrado na liberdade e na autonomia individuais e na igual consideração e respeito por todos. Tendo apoiado a candidatura de Mário Soares (1986), esteve próximo dos Estados Gerais de António Guterres, tendo sido Presidente do Instituto Camões. Com a natural distância crítica, o filósofo, no sentido mais rigoroso do termo (contra uma certa tradição nacional algo avessa à filosofia), pôde seguir criticamente os passos e a atitude do mestre britânico: «Dos empiristas, Hume conserva especialmente uma atitude metodológica, a recusa de aceitar a validade de qualquer teoria que não se submeta à prova da experiência. Atitude que é hoje praticamente a da totalidade dos homens de ciência e de grande número de filósofos. Mas evitou transformar a experiência num fetiche: a sua linguagem é a de que sabe que recorrer aos factos não garante o saber, que, o conhecimento humano é uma empresa em permanente transformação». Assim se entende que a filosofia de Hume tivesse como principal objetivo o estudo da natureza humana. Se foi qualificada como empirista, o certo é que a sua maior relevância deveu-se à crítica radical do empirismo. Mas não há aqui contradição, já que o fundamental é o sentido crítico, que leva Hume também a ser severo perante o racionalismo de inspiração cartesiana. Foi esse sentido crítico que animou igualmente a atitude do filósofo português – que procurou, com perspetiva aberta, independente e não dogmática, compreender o papel desempenhado por David Hume não só na mudança de paradigma da filosofia ocidental, mas também a necessidade de abrir caminhos novos no mundo das ideias. Aliás, notam-se ainda aproximações de João Paulo Monteiro relativamente à atitude e ao método de Karl Popper, nas conjeturas e refutações e nas consequências na organização da sociedade aberta. Por outro lado, há uma preocupação especial com os fatores de caráter histórico. O fenómeno da moralidade ou do direito não pode ser entendido independentemente da sociedade que se considera. Ao invés da vontade e do contrato social, importaria considerar a história e as raízes das instituições na organização das sociedades humanas.

Indo até Hobbes, o nosso pensador encontra um fenómeno muito peculiar que corresponde a um «estado de natureza» profundamente agressivo, que exigiria um exercício de poder centralizado que tenta contrariar a lógica do «homo lupus homini». E João Paulo Monteiro salienta: «O espírito do Iluminismo contribuiu para produzir historicamente tempos e situações que, de modo geral, nos apraz acreditar um pouco menos difíceis do que a época de Hobbes, pelo menos no que diz respeito ao ocidente europeu na segunda metade do século XX. Mas os horrores contemporâneos ainda são de molde a permitir-nos compreender a obsessão hobbesiana pela paz e pela ordem, senão a fazer-nos desculpar os seus excessos autoritários. A nossa época permitiu que se encontrassem soluções outras, que da nossa perspetiva aparecem como mais racionais e mais moderadas. Mas mesmo que possivelmente tenhamos razão, contra Hobbes, tal não deve impedir de reconhecer ao grande filósofo a razão que lhe assistia contra a sua própria época». Só o conhecimento rigoroso dos autores permite evitar simplificações. João Paulo Monteiro ensinou-o sempre. A comunidade científica e do conhecimento portuguesa não deixará, por certo, em momento oportuno de homenagear quem foi um dos seus membros mais proeminentes.

NOTA
Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Isabel Ponce de Leão
prof. universitária UFP

"Nunca fui de andar a correr atrás de glórias" [1]

Assim escreve Eugénio Lisboa em "A mais bela respiração da vida", magnífico texto introdutório a mais um volume *da Obra Completa de José Régio, Correspondência com Eugénio Lisboa*. O roubo desta afirmação, para titular este texto, está por demais justificado ao longo da obra tornando-se elemento caracterizador da postura dos autores.

Refiro-me a um volume que reúne as 109 missivas trocadas entre os supra citados autores, entre 1955 e 1969, e que claramente se afasta, como por vezes acontece na correspondência entre escritores, do "retrato penoso de egos não domesticados e de vaidadezinhas torpes" (p. 19).

Porque a obra me agradou plenamente e porque não são neutros os sentimentos que nutro pelos seus autores, para não me trair, tento, de forma pragmática e quase esquemática, enunciar o que considero o seu principal virtuosismo que explicito em 4 tópicos:

1

Limpidez e despretensiosismo léxico-semântico de quem, já tendo provas dadas, sabe que o essencial da escrita é a boa comunicação naturalmente sustentada pela correcção morfológica e sintáctica que tornam o discurso claro; sendo erudito, este surge despojado de literatices balofas e dispensa berloques artificiais.

2

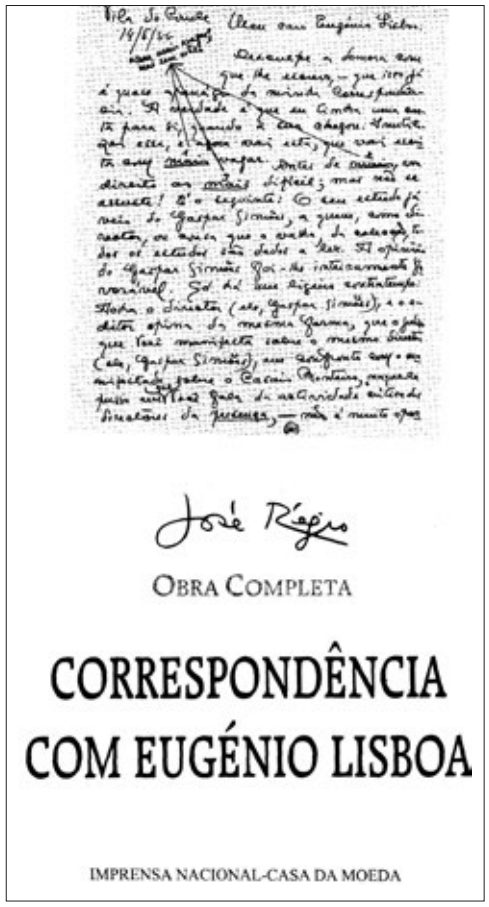
Clara preocupação em falar de livros e de literatura e não de sentimentos mesquinhos ou de vidas privadas. A amizade entre José Régio e Eugénio Lisboa surge pela cultura, pela escrita e pelos livros e por eles se sustenta de forma algo cerimoniosa. Não admira pois que estas cartas sejam, em certa medida, uma história dos meandros literários, mais ou menos agitados, da época em que a arte como arma se tentava impor; não que haja uma cega oposição ao neorrealismo emergente, outrossim porque se pugna por uma conceptualização da arte sem servilismos nem comprometimentos. O panorama literário lusófono tal como se presentificava entre 1955 e 1969 encontra-se aqui plasmado ainda que, obviamente, crivado pela subjectividade das posturas judicativas dos seus autores e da sua conhecida posição face ao conceito de arte. É de louvar a clara e desassombrosa adesão a novos valores e a crítica a alguns dos ditos "intocáveis" tudo justificado com acerto e coragem.

3

Os primórdios da oficina literária de Eugénio Lisboa. Explicito: A leitura desta correspondência mostra-me antes de mais que Régio foi o verdadeiro impulsionador da formação do escritor Eugénio Lisboa que ao longo da sua vida honrou os ensinamentos do Mestre. Tendo-se conhecido em Portalegre, prontamente Régio viu no jovem, estudante de engenharia que aí fazia o serviço militar, a sensibilidade e o génio de quem muito tinha para dar ao mundo das letras. Nele apostou, entregando, sem pejo a organização e o estudo introdutório de um volume sobre a sua poesia inserido na "coleção de bolso, *Poetas de ontem e de hoje*, dirigida por João Gaspar Simões" (p. 16) e editada por Tavares Martins, a quem "nunca tinha publicado uma linha que fosse, de artigo, crónica, crítica ou simples testemunho" (p. 17). Não se arrependeu e, embora, como é sabido, fosse parco em elogios e avesso a discursos encomiásticos, o seu parecer (cf. pp. 56-57), uma vez o texto concluído, deixou o jovem autor "literalmente eufórico" (p. 18). De resto, ao longo de toda a correspondência é notória a insistência de Régio para que Eugénio Lisboa, então residindo em África, consagre mais tempo ao mundo das letras: "Os seus livros em projecto?" (p. 108), "E projectos literários ou, melhor, realizações? Você há-de impor-se – e tem de começar" (p. 154), "Diz-me que um dia quererá fazer um estudo sobre os meus livros em prosa. Oxalá – porque não vejo mais ninguém que o faça!" (p. 162), "Se Você tem (como bem creio que tenha, e até já o provou) alguma coisa a dizer, já não pode continuar a desperdiçar tempo. Uma coisa há que um escritor não conquista senão trabalhando, experimentando: é a forma, a *sua forma*" (p. 181), "a minha crença nas suas possibilidades é objectiva e crítica" (p. 255)... Tudo isto e muito mais corrobora o conhecido e importante papel que Eugénio Lisboa teve nos movimentos culturais moçambicanos que esta correspondência também deixa antever.

4

O desenvolvimento e a receção da *res* literária de Régio ainda que tal já não seja novidade para os conhecedores de *Páginas do diário íntimo*. O teatro e *A Velha Casa* são obras sistematicamente referidas e discutidas registando-se críticas plenas de imparcialidade por parte de Eugénio Lisboa.



Objectivamente é isto: correspondência entre dois vultos das letras que se admiram e respeitam sem que, por tal, a convergência de pontos de vista seja uma constante. José Régio que fala sobretudo de si e da sua obra como reconhece – "Fale-me de si, como eu por demais falo de mim" (p. 183) – e Eugénio Lisboa que alude sobretudo à obra regiana e ao panorama literário da época. Relevo ainda o rigor científico posto por Filipe Delfim Santos na elaboração deste volume enriquecido por um completo e criterioso aparato para-textual.

Por constrangimentos pessoais e espaciais calo o mais importante – Baudelaire entender-me-ia. Que se pode dizer, como refere o meu amigo José António Barreiros, a quem tudo sucedeu por causa dos livros, a quem nunca correu "atrás de glórias"? A leitura da obra dará boas respostas. José Régio e Eugénio Lisboa mereceram-se e merecem-se. Eis a prova. As obras completas de José Régio estão agora mais ricas.

NOTA

[1] Eugénio Lisboa in Prólogo do volume da *Obra Completa de José Régio – Correspondência com Eugénio Lisboa*. Lisboa: IN-CM, 2016, p. 9.

Maria Antónia Jardim
escritora e especialista
em Psicologia da Arte

Do conto "A Saga" e de Sophia de Mello Breyner Andresen

De facto, as palavras escritas são como as estrelas, nunca se sabe se somos nós que as fitamos ou se são elas que nos miram. É que a universalidade, a intemporalidade, a unidade, a autonomia que o texto literário manifesta não se devem exclusivamente a uma técnica hábil ou a uma faculdade de representação fora do comum; são antes de tudo, experimentados e vividos. E, sem dúvida, por terem sido experimentados e vividos puderam ser contados em detalhe no texto e, portanto, comunicados.

Testemunhos de escritores (incluindo o de Sophia, como veremos) sugerem que têm a impressão de terem sido feitos de todas as peças e que alcançarão, ao longo das suas experiências, uma realidade que não a comum, denominada "visão do universo", "outra vida" ou ainda "a verdadeira vida". Podemos também supor que a intemporalidade, a universalidade de uma obra de arte não correspondem só às representações imaginárias e não resultam apenas de uma capacidade particular do autor; são estados afectivos cuja experiência ele/a viveu. Subjacente ao discurso do texto *A Saga*, relata-se uma aventura vivida. É nessa legibilidade que se encontra a verdadeira leitura (conceito de semântica de profundidade ricoeuriana).

O conto é tecido de risos e cochichos, das exclamações dos leitores, que a qualquer momento podem interromper e moldar a narração. Como apontou Todorov, cada "homem-narrativa" revela e dissimula um outro narrador que retira dele a sua existência e a autoridade de sua palavra. Não esqueçamos de que a literatura tem a vocação de pôr em cena o duplo, invalidando o princípio de identidade: o que é uno é também múltiplo, como o escritor sabe por experiência. A vontade de apagar o eu, de escapar ao eu-prisão pela viagem (caso de Hans), de criar um eu-evasão por meio da imaginação é uma constante no universo de Sophia de Mello Breyner. Em "A Saga" Hans é o exilado que pula de uma casa para outra, procurando aproximar-se do centro de si mesmo, demonstrando disponibilidade para a aventura, demonstrando liberdade ao tentar experimentar diferentes maneiras de ser homem, diferentes da personalidade adaptada ao eu social. Nessa viagem simbólica, ele percorre diferentes "estações" de uma viagem iniciática, de uma concentração em si mesmo, seguindo-se uma abertura para o mundo. A alteridade dentro do eu é o que vai permitir um diálogo, um reencontro, até mesmo uma solidariedade com o Outro. A desapropriação já não significa um empobrecimento, mas uma possibilidade de enriquecimento. Neste caso, a viagem pode comportar a figura de conhecimento que é o labirinto: uma cidade desconhecida, uma paisagem que confunde... a errância e a estranheza do mundo que Hans experimenta ao longo do conto. Interessante é notar que Sophia afirma que pertence "à raça daqueles que percorrem o labirinto sem jamais perderem o fio de linho da palavra" (*Obra poética III*, p. 149). Segundo o ideal grego a literatura só podia ser educativa desde que "as raízes mergulhem nas camadas mais profundas do ser humano" e desde que nela "viva um *ethos*, um anseio espiritual, uma imagem do humano capaz de se tornar numa obrigação e num dever" (Jaeger, s/d: 57). Será deste *ethos* que Sophia se reclama "A Grécia é um ponto de partida a que justamente é preciso regressar porque então o homem tentou partir da imanência, partir do seu estar na terra: estou na terra, sou mortal mas vou tentar viver a minha mortalidade com o máximo de verdade, o máximo de transparência, o máximo..." (Andresen: 1981:4). É por isso que para Sophia a literatura se afigura como uma moral; é também por isso que verificamos ao longo de "A Saga" e de outros seus contos a voz do narrador avançando à medida que a personagem progride na sua acção; como refere Ricoeur em *Temps et récit II* (p. 252) "c'est lui qui dépose sur l'espérience racontée par le héros la signification." e percebemos ainda melhor a infiltração da voz de Sophia quando Ricoeur afirma mais adiante que "c'est la reprise par le narrateur des conceptions de l'auteur qui fait foi pour la lecture. Ses conceptions sont alors incorporées aux pensées du narrateur. A leur tour, ces pensées du narrateur accompagnent l'expérience vive du héros qu'elles éclaircissent".

Isto quer dizer que a existência de Sophia está implicada na sua arte; ela sublinha a necessidade da inteireza, do não isolamento do homem. Daí ser imperioso evitar que o "Círculo" se instaure, isole, enclausure e por isso a personagem Hans deve sair da ilha de Vig, do círculo fechado, extravasar para o exterior, contactar com o universo do mar e navegar ao jeito de Fernando Pessoa que diz: "Eu não evoluo: viajo". Navegar com o vento contra, com uma geografia cheia de dilemas (Cf Ricoeur 2000: 619) em que a acusação, a punição e o sentido do perdão entram em diálogo surdo, foi o que Hans teve que fazer e exigir de si próprio essa habilidade interna de ser português (Jabouille: 1993: 70).

Paradigmática escritora, Sophia possui uma escrita profundamente clássica na medida em que, embora partindo muitas vezes de experiências pessoais, procura nelas aquilo que constitui a sua universalidade e intemporalidade. Paralelamente, interessa-se pelos problemas psicológicos e morais que preocupam o Homem e procura soluções, assumindo, assim, uma função pedagógica. Tal como os autores clássicos, Sophia também faz "coexistir a exigência racionalista da verosimilhança e a exigência fantástica do maravilhoso" (Aguiar e Silva 1986: 516); é o vector sensível da razão que se manifesta através de uma linguagem que trabalha a realidade.

Helena Lopes
professora do ISCA
do Politécnico do Porto;
doutoranda na FLUP

Sob o signo do haicai: uma leitura da poesia de João Pedro Mésseder

A estética do objecto-livro reflecte o minimalismo das formas breves cultivadas nesta singular exploração poética do haicai japonês (referimo-nos a *Junho: variações em forma de cereja*, Edição do Município de Alfândega da Fé, 2015, 56 pp., de João Pedro Mésseder). Os micro-poemas celebram a maravilha do ínfimo e a graça dos ínfimos através do registo epigramático de gestos fortuitos e sentimentos fugazes. Embora não se deixe espartilhar pela métrica do haicai, a forma breve determina uma dilatação temporal característica da arte asiática, gerada nomeadamente pela correlação entre o tempo meteorológico e o tempo interior: "Em junho/ as manhãs/ abjuram o sono// as tardes/ já não cabem/ nos seus dias// e a turbação/ do tempo/ principia". O carácter esquivo do tempo sazonal é frequentemente metaforizado na imagem da cereja, que cria uma impressão sensível e sensual da passagem do tempo: "As cerejas ao cair do mês de junho/ adormecem no teu sonho devagar// e os lugares excessivos principiam/ a viajar-te nos olhos e na língua// até o dourado das uvas chegar". Evocando lapidarmente a transição do Verão para o Outono, "cerejas" e "uvas" funcionam como o *kigo* do haicai, uma palavra ou expressão que permite ao leitor identificar a estação do ano a que o poema alude sem a nomear, designadamente por intermédio da referência a fauna ou flora emblemáticas. As qualidades sensórias de cor, sabor e aroma dos frutos do poema não só erotizam um "tu" a quem o poema se dirige, como plasticizam a sucessão de estações, permitindo a inscrição poética da realidade impalpável do tempo. Ao longo de todo o micro-livro, a figura da cereja é lavorada de forma a encarnar a presença invisível do tempo durativo, tornando-se um espaço-tempo porquanto consubstancia uma *dureé*.

Esta condensação temporal própria do haicai estende-se aos poemas baseados na lógica ocidental do fragmento literário ou em géneros orais como a quadra popular e o aforismo: "O preço da felicidade uterina/ do verme comedor de cereja:/ ser comido". O destino irónico do primeiro predador da cereja, o verme que perece emparedado pelo fruto, sendo eventualmente consumido por outro elo da cadeia alimentar, podia ter motivado uma parábola contra a avidez. Muito pelo contrário, os poemas perpassados de apetites insatisfeitos e desejos malogrados representam a *hybris* com uma empatia que neutraliza o moralismo em favor do distanciamento poético. O poeta limita-se a observar um estado das coisas sem *pathos* nem julgamento. Herdeira da tradição haicai, a tonalidade poética refractária ao lugar-comum subverte os géneros populares em que ocasionalmente se alicerça rumo a uma impessoalidade de enunciação de matriz modernista: "Umas vezes/ cor de sangue,/ outras vezes/ sangue e linfa,/ a cereja/ arredonda/ os dias de junho/ com as cores/ de estar viva.// Quanto basta/ para junho/ nunca ser/ um mês cruel". Neste poema, que entra em diálogo com *A Terra Devastada*, e por todo o livro, a cereja funciona como um correlato-objectivo eliotiano, uma estratégia literária que logra sintetizar experiências passíveis de comunicar emoções evitando o confessionalismo. Como observa Rosa Maria Martelo a propósito de outro poeta contemporâneo, "*o culto das imagens* exaltado por Baudelaire (...) evoluiu num sentido fortemente abstractizante e anti-romântico, no qual a imagem perceptiva estava muitas vezes ao serviço da construção de formas indirectas de expressão e de contenção do derramamento lírico. Entender a poesia como forma de assistir à eclosão do pensamento sob a forma de visão e de audição, para retomar as palavras fundadoras de Rimbaud, abriria caminho a processos de contenção expressiva que T. S. Eliot sintetizou mais tarde, ao defender o recurso a imagens exteriorizadas, plásticas, para as quais os sentimentos pudessem ser transferidos sem recurso a uma tematização directa" (*O Cinema da Poesia*, Documenta, 2012, p.95).

Escoltada por um minimalismo formal, a contenção expressiva de *Junho* produz uma tonalidade distanciada cujas implicações artístico-ideológicas passaremos a explorar. Neste livro, o recurso a estratégias de impessoalidade discursiva é motivado por uma aguda consciência do hiato entre linguagem e mundo, explícita nos poemas francamente metatextuais: "Da cereja/ – forma, cor e carne –/ que se dirá/ que ela não diga/ sempre melhor?" Este desconcertante poema denuncia a impossibilidade de representação cabal do mundo através da palavra. Paradoxalmente, é através da linguagem verbal que esta reflexão se articula, sendo a forma poética que a torna expressiva. A brevidade e simplicidade do poema logram alcançar a eloquência que se finge impossível, ou apenas acessível através da realidade fenomenal e sensória do objecto, a cereja. A exploração da linguagem poética nutrida por uma vincada noção da inefabilidade do mundo conduz frequentemente o poeta a laborar sobre a dimensão material do signo. Esta escalpelização da palavra poética e o problema epistemológico que a motiva inserem o autor numa tradição poética tão antiga como a própria poesia, mas que se pode considerar ter atingido, entre nós, um expoente máximo com Luiza Neto Jorge. "Maio, o signo" é outro poema deste livro que se destaca pela dimensão metalinguística: "Escuta-se/ um ditongo/ em devaneio.// Nome de flor/ podia ser/ em vez de mês.// Mais ainda:/ um par/ de sílabas// que gostavam/ porventura/ de ser três". A palavra "Maio" assim pronunciada "em devaneio" evoca a lentidão característica dos dias longos desta época esti-

val, glosando-se o tema omnipresente da dilatação temporal, produzida também a nível formal. A provocadora proposta de escansão da imagem acústica do vocábulo "Maio" em três sílabas para melhor saborear uma palavra de boas memórias embraiaria um desaceleramento da fala subversor da norma linguística. Pode considerar-se que estes poemas visivelmente metalinguísticos participam da prática descrita por Gilles Deleuze e Félix Guattari como *desterritorialização da linguagem*, isto é, um uso da língua que obriga o leitor a reparar no processo comunicativo, causando um efeito de estranhamento em relação à linguagem. Despir a língua da sua dimensão mimética e referencial implica expulsar o signo do seu território familiar, nomeadamente o sentido convencional, para que lhe seja reatribuído um novo significado. Deleuze e Guattari subsumem esta práxis literária renovadora no conceito de *literatura menor*, sem qualquer sentido depreciativo: "As três categorias da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento colectivo da enunciação" (*Kafka: Para uma Literatura Menor*, Assírio & Alvim, 2003, p.41).

Este micro-livro pode ser aproximado deste conceito de literatura menor não pela forma e dimensão breves, mas pela desterritorialização da língua poética, designadamente através da subversão de formas totalizadoras do sentido como o epigrama, o aforismo e o provérbio rumo à abertura semântica do haicai, que promove uma dupla irredutibilidade ao senso comum e ao *topos* literário ocidental. No que diz respeito ao "agenciamento colectivo da enunciação", é viabilizado pelo repúdio da primeira pessoa em prol da impessoalidade discursiva de uma consciência observadora generalizável. Ora esta opção enunciativa engendra por si só uma *politização*, no sentido deleuziano, do discurso poético: um discurso é político na medida em que é alargável a um colectivo. A recorrente intertextualidade com a canção popular "Le Temps des Cerises", ela própria objecto de muitas variações depois da sua génese no rescaldo do levantamento da Comuna de 1871, polariza uma reflexão sobre a brevidade das quimeras na qual o elegíaco é temperado pela resistência à museificação da utopia e pela fé na possibilidade da sua actualização contemporânea: "Como é breve/ o tempo das cerejas./ Pouco mais que as voltas/ de uma velha melodia.// Alguns há porém que o distendem,/ a ponto de sentirem/ que em cada busca de justiça/ ainda canta o tempo das cerejas".

Albano Martins
poeta

O Regresso do Poeta

Voltou. O poeta-jornalista, o amigo incondicional de todas as horas, o cidadão exemplar, o homem lúcido, cativante, generoso e afável, pronto, sempre, para a alegria e para a dádiva, ei-lo que volta, sim, anunciado por estes *Cânticos, anjos e labirintos* que nos chegam do Funchal. Anunciados, digo remetidos pelo filho Marco António, que é também o autor da capa, e iluminados pela prosa limpa de António Fournier, professor, amigo, ensaísta e ficcionista de largos recursos e créditos firmados, os versos compendiados no volume que agora nos chega trazem a marca de um espírito aberto às grandes solicitações do real e às subtis inquirições/inquietações do nosso viver quotidiano. Trazem, quero dizer, ao nosso convívio "os anjos e os pastores da boa nova poética" convocados por António Fournier no seu esclarecedor prefácio, isto é, no portal elaborado como introdução à leitura deste livro que vale como homenagem prestada a alguém que fez da sua poesia e da poesia dos outros lugar de residência permanente, a sua casa, o seu lar diurno e nocturno.

A morte, em 2005, isto é, aos 50 anos de idade, do poeta José António Gonçalves soa-me ainda agora como uma injustiça das incontroláveis forças que comandam as nossas vidas e nos arrastam para o iniludível destino a que desde a nascença estamos condenados. Poeta de todas as horas foi ele e, parafraseando os dois primeiros versos do poema "Canto para Janet Leigh", "os deuses avisam que os poetas / nunca morrem". Sim, os poetas que, como ele, se distinguem pela força e autenticidade da mensagem, pela novidade da expressão e pela consciência viva dos ritmos e cadências a ela ajustados, esses, de facto, não morrem, acompanham-nos sempre, sempre resistem aos modos e às modas do momento, servem-nos de guia e de farol na escuridão.

Os poemas reunidos neste livro vão desde o hino aos "sumaúmas" dos olhos de Natércia Freire e as "perguntas (que nunca farei)", feitas à "sombra da anoneira", ao "lugar onde a palavra ("A palavra liberdade"?) / subiu aos palanques de outras árvores novas" e o "som do adágio de Albinoni" nos socorre na busca dos "lugares onde escrevemos para sempre a nossa / história...". Eis uma poesia que, guiada pela música, nos introduz, a passo lento, na esfera do enlevo, "noutra era" e "noutros palcos". São versos que mantêm viva a chama acesa nos anos 70/80 do século passado, quando o poeta dava os primeiros passos dum percurso que o levaria, já no início de 2000, à publicação de livros tão marcantes e decisivos como *Aventura na casa dos livros, Esquivas são as aves, Memórias da casa de pedra* ou *O sol na gaveta*.

Diga-se, a rigor, que a crítica, a crítica nacional, se de uma crítica nacional pode ainda hoje falar-se, posta ao serviço de capelas e confrarias mais ou menos reconhecíveis, só raramente se deu conta da obra dum poeta que, por destino e inclinação, teve a Madeira como província natal e o Funchal como lugar de residência. José António Gonçalves não conheceu outro clube a não ser o da cultura e, sobretudo, o da poesia, a que devotou o seu tempo de vida e com a qual, soberanamente, enfrentou a morte. É lá que devemos procurá-lo, porque é de lá que os seus versos nos acenam, nos alcançam – nos atingem – e nos convocam. Apetece trazer aqui outra vez a frase com que Pessoa assinalou a morte de Mário de Sá-Carneiro: "Morre jovem o que os deuses amam".

Os livros a que acima nos referimos já integram a antologia poética *Arte do Voo* que, em Junho de 2005 – o ano da sua morte –, com organização, nota preambular e posfácio de António Fournier, é publicada pela Editora Ausência, com capa, concepção gráfica e composição de Marco António Gonçalves. Alguns dos poemas do presente volume – destes *Cânticos, anjos e labirintos* de cuja publicação recente aqui damos notícia – já ali aparecem como inéditos, nomeadamente "Folhas vermelhas", em cujos versos finais se lê: "O poeta / tem este destino de eremita. Cultivar laranjas, / maçãs e pêros". Eis uma boa legenda para encerrar esta nota breve sobre um poeta de obra suculenta e duradoura. Os seus poemas – densos, substanciais – oferecem-se, de facto, ao nosso paladar linguístico como sumarentos frutos de um pomar para cujo usufruto somos abertamente convocados. Fica o convite para o reencontro com alguém que, como no posfácio a *Arte do Voo* diz António Fournier, teve como projecto "transformar o microcosmos da ilha em macrocosmos da mente". Um poeta convivial, autêntico, que sentimos como nosso, do nosso sangue, isto é, do nosso espaço e da nossa família.

Adelto Gonçalves
doutor em Literatura Portuguesa (USP)

História da Literatura Europeia, uma nova e fundamental disciplina

I

Distinguir História da Literatura de História Literária é tarefa das mais difíceis porque, muitas vezes, ambos os termos podem parecer sinônimos, mas esse é um ledo engano em que muitos historiadores costumam escorregar. Assim, História da Literatura seria a sequência de narrativas, autores, estilos literários e teorizadores de poéticas literárias, enquanto História Literária constituiria a disciplina que estuda a Literatura de um ponto de vista histórico. Ou ainda a compreensão da Literatura através dos seus contextos (políticos, econômicos, culturais).

Feitas estas distinções, Maria Luísa Malato, professora de Metodologia dos Estudos Literários e de Retórica Geral da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mestre e doutora em Literatura Comparada, partiu para compor *História da Literatura Europeia: uma introdução aos Estudos Literários* (Lisboa, Quid Júris, 2008), que desde o seu lançamento tem constituído livro de referência na área e presença obrigatória na bibliografia dos cursos de Metodologia dos Estudos Literários e de Retórica nas universidades portuguesas.

Aliás, alguma editora brasileira deveria também publicar esta obra para que cumpra o mesmo caminho nas faculdades de Letras das universidades brasileiras, especialmente na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), pois seria um complemento imprescindível ao que se lê em *Literatura Comparada* (São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000), da professora Sandra Nitrini.

Até porque os países de língua espanhola e portuguesa tomaram como modelo outras literaturas europeias, sobretudo a francesa, ainda que, a partir de certo momento no século XX, a literatura norte-americana tenha se tornado para os literatos desta parte do globo um novo polo de atração. Seja como for, é impossível estudar as literaturas do Brasil e dos países da América hispânica sem levar em conta as suas ligações com as diversas literaturas do continente europeu.

II

Por que História da Literatura Europeia? A própria autora se encarrega de explicar, lembrando, porém, que saber o que é Literatura Europeia, quando nem sequer é clara a fronteira política ou econômica da Europa, é missão por demais complexa. Mesmo porque a Europa, "entremeada de sonhos imperiais (os de Roma, de Alexandre, de Carlos Magno, de Bizâncio, dos Francos ou dos Godos, da Liga dos Estados de Napoleão ou das anexações de Hitler), tem feito a sua história à custa da fragmentação de nações e estados".

Ainda assim, Maria Luísa Malato prevê que, a partir de algumas mudanças que devem se acentuar na atual segunda década deste século XXI, o fortalecimento da União Europeia terá de ser feito através do reforço da ideia cultural de Europa. E que, a partir disso, o próprio poder político incentivará o que antes parecia menosprezar, ou seja, a ideia segundo a qual existe uma Literatura Europeia, pois esta, quando contextualizada pela Literatura Comparada, torna-se uma forma mais complexa e rica de abordagens das próprias literaturas nacionais. Até porque a Literatura Comparada incluiu-se na história literária, não sendo, portanto, uma disciplina acadêmica específica ou autônoma, mas uma forma de atuar no campo da pesquisa.

Nesse sentido, diz a autora, não só o curso de Letras mas também os cursos de Ciências da Informação, Ciências Documentais e de Jornalismo só terão a ganhar com uma disciplina que faça seus alunos lerem "diacrônica e sincronicamente não só as obras literárias que marcaram a cultura ocidental, mas os textos que os impregnam de uma visão mais alargada da cultura em que se moverão no futuro".

III

Para escrever este livro, Maria Luísa Malato tomou como modelo Jorge Luís Borges (1899-1986) e seu *Curso de Literatura Inglesa*, as "Notes de Cours" (notas de curso), de Roland Barthes (1915-1980), no Collège de France, entre 1977 e 1980, e *Porquê ler os clássicos?* (Lisboa, Teorema, 1994), de Ítalo Calvino (1923-1985), obra que oferece uma breve história da literatura em 35 ensaios sobre 35 autores europeus, de Homero (séculos VIII e IX a.C.) a Cesare Pavese (1908-1950), classificados pelo autor como "clássicos". Os apontamentos (notas de curso) de Barthes podem ser encontrados em *Como viver junto* (2003), *O Neutro* (2003) e *A preparação do romance* (2005), todos publicados pela Editora Martins Fontes, de São Paulo, em tradução de Leyla Perrone-Moisés.

Como diz Maria Luísa Malato, se neste livro não se encontram os cem escritores "que você precisa ler" nem são enumeradas as "mil obras que (você) deve ler antes de morrer", o leitor vai descobrir um roteiro seguro dos autores que deve ler para ter uma ideia do que é a Literatura Europeia, uma história, aliás, sempre inacabada porque em construção.

NOTA

História da Literatura Europeia - uma introdução aos Estudos Literários, de Maria Luísa Malato. Lisboa: Editora Quid Júris. Coleção Erasmus – Manuais Universitários, 318 págs., 2008.

Ramiro Teixeira
crítico literário

O Tempo da geração espontânea...

Confesso que este título me deixou inicialmente confuso, até me aperceber que todos os intérpretes referenciados, de facto, agem todos por moto-próprio, assumindo as suas vidas independentemente de causas externas, enfim, voluntariamente, ainda que, em rigor, tal voluntarismo seja consequência de múltiplas circunstâncias. Assim Luísa, nascida em Angola em 1960, que nunca pensou abandonar a terra onde nasceu, que aí casou, crente de que o amor que vivia seria para toda a vida, até ao dia em que se tornou impossível prolongar a paixão da terra e a do amor. Tal como Leopoldo e Mabeco, irmãos nascidos respetivamente em 1950 e 1957, cujas existências breve passam a situar-se nos antípodas: o primeiro porque desertor do exército, trocando o lado da luta em favor daqueles que até então combatia, fanatizado até ao fim, mesmo depois de ter sido abandonado pela mulher negra que escolhera e de pouco a pouco se ter apercebido que as seus ideais políticos eram utópicos e que jamais Angola seria o que para ela visionara, até acabar assassinado plausivelmente pelos seus camaradas de partido; o segundo, porque dando aparente continuidade aos projectos do pai, empresário empreendedor, jamais os leva a sério, acabando a vida em fruição de amores livres, droga e completamente alcoolizado.

Carlos Mardel, topógrafo, que viria a ser o marido de Luísa, depois do percurso no exército nunca mais virá a ser o mesmo, traumatizado por razões que eram só dele, trancadas no mais fundo de si, sendo dado inclusive falsamente como morto em combate.

Estas são as personagens principais, todas caracterizadas por anseios utópicos que o destino frustrou, passando por representantes da segunda geração de colonos instalados em Angola.

Falo em segunda geração, na medida em que todos os intérpretes são descendentes dos colonos que se instalaram em Angola a partir de 1890 e até 1950.

A temporalidade do romance abarca praticamente cem anos e dá-nos um excelente recorte das vicissitudes que ocorreram em Angola, desde o suicídio de Silva Porto no ano do *Ultimatum*, aos confrontos com as tropas alemãs nos anos 14 do século seguinte, passando pelo milagre de Fátima na metrópole e a exposição do mundo português de 1940. E também pela guerra na Argélia a partir de 50, do Congo Belga em 60 e do mais que se seguiu em Angola, no antes e no após a revolução do 25 de Abril, até à luta civil entre a UNITA e o MPLA, e o êxodo dos portugueses, brancos, negros e mestiços, abandonados e entregues à sua própria sorte, impondo a cada um a sobrevivência no aeroporto de Luanda rumo a Lisboa, ex-capital do império, na condição de retornados, muitos deles sem nada mais do que a roupa que vestiam.

O teor da escrita e das observações do autor, alheias ao paradigma comum, ou como se regista *a la Dionísio*, são de um vanguardismo incomum, dando-nos a conhecer uma outra forma de narrar com a preocupação de conquistar um lugar pela diferença, ainda que sem perda da sensibilidade e do aprofundamento da psicologia das personagens, a que teremos de adicionar a excelência descritiva das paisagens, nomeadamente de Ambrizete e Huambo, e da vida social em Luanda nos tempos antes da independência, e depois a tragédia e a confusão que se seguiu no aeroporto à espera dos aviões que mal e bem asseguravam o transporte para Lisboa.

É um romance de memórias, de vida airada e de guerrilha no mato, conquanto não refira barbaridades de guerra, carnificina e horrores, salvo um ou outro apontamento colateral, mas diz o que tinha de ser dito, sempre equidistante, entre o sério e o pícaro, a falsa segurança e o medo, a ausência ditada pela monotonia e a responsabilidade. E mais do que tudo dá-nos a conhecer a existência da mocidade dos anos 60 e 70 em Angola, bem como a vivência no Huambo até 1976, onde nada praticamente acontece e onde todas as esperanças de assim continuar se reforçam a cada momento, até à barbária da luta civil entre a UNITA e o MPLA que destruiu completamento o que até então sobrevivera.

E há ainda o regresso amargurado a Portugal, objecto de um outro balanço realístico, e para todo o sempre a nostalgia da terra em que esta geração nasceu e viveu. Luísa, nesta perspectiva, é uma personagem inesquecível.

Eis, pois, um romance semi-histórico que merece ser lido e do qual o Autor se pode orgulhar sem necessidade de recorrer a pantominas promocionais.

NOTA

O Tempo da Geração Espontânea.
Rafael Dionísio. Associação Chili Com Carne, s/local, 2014.

Paulo Ferreira da Cunha
lusofilias@gmail.com

Do agir & Do julgar

1. Do Social

Um dia, um grande político levou-me à varanda de sua casa e disse-me, com alguma solenidade, que a atividade política faz empobrecer os honestos e enriquecer os corruptos. Acho que não é só a política, mas muitas atividades. Aliás, é curioso como as pessoas escolhem por vezes mal o que fazem, aquilo a que se dedicam, e não apenas profissionalmente, onde há muitos desvios de vocação. Se cada um escolhesse aquilo para que foi talhado, para que possui natural inclinação, o mundo seria harmónico. Mas os sapateiros querem ir sempre além da chinela (e da fivela). Enquanto há reis que trocam o trono pelo torno.

Certas atividades lúdicas cansam demais e dão pouco prazer, transformando-se a breve trecho em obrigações desagradáveis. Mas pior: há atividades cheias de escolhos e corveias ainda por cima dispendiosas. Tanto pedem, e o que darão? Creio que essas entrarão, afinal, na qualidade de vícios caros. Um desporto de que se não gosta, que não é socialmente útil, que nos cansa e que para mais é dispendioso só se pode manter por moda, por vaidade, por hábito, e hábito mau, ou seja, por vício.

Seremos seres presos a esses atavismos, mais ou menos sempre? Quantos foram para um curso para seguir a tradição familiar, aspiraram a um emprego e a um "status" porque era a "carreira" clássica, mataram-se nos desportos do seu círculo social, ou daquele a que aspiravam entrar, esfalfaram-se por entrar nos clubes sociais e sociedades científicas que dariam validação e conhecimento. Ou obter as honras correspondentes a tal.

Tudo revela um excessivo gregarismo e mimetismo. Mesmo quando, para seguir padrões gerais ou de grupo, classe, ou casta, cada um individualmente tenha de pisar os demais e desempenhar um papel egotista e até no limite (ou já não no limite) da lei.

O mais interessante é que, desde tempos imemoriais, há quem guerreie os demais para poder ser mecenas, quem se esgote para ser herói até com o sacrifício da vida, etc. Sede excessiva de reconhecimento? Matias Aires vê na vaidade também uma fonte de virtudes. Eis como do vício se passa à virtude e da virtude ao vício.

Ainda acreditamos, com Aristóteles, que a virtude está no meio, entre dois vícios simétricos. Nem sempre fáceis de identificar, como no caso da Justiça.

2. Do Jurídico

O Direito não deve tutelar a virtude, como se fosse um polícia moral. Mas não pode impor ou promover na pessoa e na sociedade os vícios, como se fosse, pelo contrário, um diabinho armado.

Já é tão difícil à Ética, neste mundo complexo, discernir o que é virtude (e valor), que fará fazer do Direito juiz do Bem e do Mal. No máximo, trata-se de uma ordem de mínima convivência. Não pode o Direito tornar-se num profeta armado, para glosarmos um tema de Maquiavel.

Estamos num período particularmente fecundo, mas especialmente confuso. O Direito não pode ser uma máquina de guerra de uns contra os outros. Desde logo de uma moral contra outras. Não é fácil, mas os juristas devem ter esse freio. Sob pena de o Direito, em vez de avançar para uma nova fase humanista e fraterna, desaparecer sob os interesses da política ou da religião, por exemplo, que alguém dizia é uma forma popular de política também. Oxalá fosse sobretudo coisa diferente, num plano bem mais superior.

3. Em terra de gambuzinos...

Medíocres, oportunistas e ávidos deste mundo (alguns de uma preparação e qualidade confrangedoras) de há muito que passaram a estar muito ocupados, cada vez mais, logo procurando afastar a concorrência real ou meramente potencial (para isso são bons).

Enquanto muitos dos que poderiam contribuir para evitar abismos (cada um no seu posto, fazendo o seu pequenino dever) começaram a sentir-se dispensados. Quantos conhecemos aposentados, desempregados, em férias prolongadas, preteridos, confinados, expatriados. E sobretudo subaproveitados.

Sabemos que em sociedades massificadas, sem educação real, a pobre Marie Curie sempre será preterida por Maurice Chevallier. Apesar de tudo, este era muito bom cantor. Bom no que fazia e simpático. Só que há hierarquia nos valores. A demagogia ainda não nos convenceu de que John dos Passos não tem razão: para nós, um intelectual (e mais ainda uma cientista com provas dadas) é melhor que uma foca amestrada, mas inferior a um pugilista. Porém, até Maurice Chevallier será preterido pela caça aos gambuzinos. Enquanto esta caça ocupa muitos, outros se ocupam de nós. Os resultados estão à vista.

Democracia não é só escolher bons candidatos de tempos a tempos (e isso torna-se difícil, qualquer que seja o sistema eleitoral). É fazer com que eles apareçam, não a partir de um povo alienado, mas crítico, desperto, participativo. Essa será a seara de que poderão surgir as elites competentes e demofílicas (não oligarquias). Ou seja, basta de alienação.

Somos os ídolos que temos, somos as homenagens que (não) prestamos, somos quem deixamos que mande em nós. Somos também a tença atrasada de Camões. Somos o não regresso à Pátria de Jorge de Sena.

J. A. Gonçalves Guimarães
Mesário-mor da Confraria Queirosiana

Eça & Outras

"A emigração como força civilizadora"

António Aresta, autor de diversos estudos sobre a história macaense, acaba de publicar na Revista de Cultura editada pelo Instituto Cultural de Macau, n.º 52 referente a 2016, uma nova abordagem sobre "Eça de Queiroz e a emigração chinesa de Macau", assunto esse que tem vindo a merecer a atenção de um cada vez maior número de investigadores que, para além de disponibilizarem cada vez mais e mais cuidada informação sobre a debandada forçada de milhões de chineses para fora da sua terra natal motivada pelos interesses imperialistas de ingleses, franceses, alemães, estadunidenses e japoneses que no século XIX puseram a China a ferro e fogo, os quais também estranham o facto de Eça de Queirós, que humanamente exorbitou das suas funções como cônsul funcionário público para proteger os culies chineses em Havana contra o esclavagismo dos fazendeiros espanhóis de Cuba, ainda não tenha sido reconhecido como um dos benfeitores da Humanidade pelas instâncias internacionais precisamente pela sua ação na defesa ativa dos milhares de refugiados/ emigrados/ escravizados chineses que ali chegavam. Sabendo ele do seu embarque em Macau e dando aplicação efetiva à legislação oficial ali publicada, que entendia não ser só "para inglês ver", registou todos os emigrantes com aquela proveniência no seu consulado e deu-lhes um visto, o que teoricamente transformava em cidadãos portugueses estes refugiados de uma guerra que não pediram nem queriam, mas que foi feita em nome do "progresso" e dos "supremos valores da civilização ocidental". Não, caro leitor, não estou a falar das guerras da Europa, da Palestina, do Vietname, do Afeganistão, dos Balcãs, da Ucrânia, do Iraque e da Síria, entre outras, e dos seus milhões de refugiados, mas apenas a lembrar-lhe que os governantes que tem elegido democraticamente nos últimos cento e cinquenta anos não têm aprendido nada com a História. E afinal, você que os elege, também não!

E já que falamos em escravatura, perante algumas ideias e organizações simplistas, ou mesmo mistificadoras, que por aí andam, lembremos que essa abjeção humana não tem cor de pele nem crença religiosa que lhe valha. Também houve escravos brancos ao longo das épocas – nem vale a pena aqui lembrar a origem da palavra escravo, do baixo latim *sclavus/slavus*, em alemão *der Sklave*, em inglês *slave*, muito parecida com a palavra *eslavo*, do latim *slavi*, no alemão *der Slave*, no inglês *slav*. A libertação de escravos brancos, «o resgate de cativos tornar-se-á num dos maiores negócios especializados do Mediterrâneo medieval e moderno» (DUARTE, Luís Miguel (2012) – *Ceuta 1415. Seiscentos anos depois*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 218), o qual só terminaria na I Grande Guerra devido à intensa militarização europeia do norte de África. Por sua vez, se é certo que foram as nações coloniais europeias que mais ganharam com a escravatura africana, as que iam comprar seres humanos aos portos de mar, convém não esquecer que grande parte deles eram capturados por africanos, quantas vezes da mesma etnia, em guerras tribais ou razias organizadas para tal, e depois vendidos na costa. Ou seja, a perfídia não era exclusiva dos "brancos", mas nascia " em casa". Os povos "vermelhos" do Brasil e América do Sul e Central, logo após a chegada dos cristãos europeus, entraram em "resistência pacífica" – como no século XX faria Gandhi na Índia – e por isso preferiam suicidar-se a serem escravizados. Tiveram também um indefetível defensor português da sua condição de liberdade que por pouco não foi sentenciado pela "Santa Inquisição", o humanista e homem maior da Humanidade chamado Padre António Vieira. Na América do Norte os "vermelhos" foram sistematicamente eliminados pelos colonos protestantes europeus, autores de verdadeiros genocídios sobre os indígenas norte-americanos. Hoje os E. U. A. têm um presidente humanista afro-havaiano – e a história de como os estadunidenses se apoderaram do Havai não é nenhum feito de glória, mas de vergonha, o que poderá explicar o ataque japonês a Pearl Harbor em 1941, que a propaganda estadunidense sempre apresenta como um ataque à traição, mas nunca explica como é que os "americanos" lá foram parar e o que estavam a fazer num território alheio no meio do Pacífico, com soberania própria antes da perfídia colonial dos yankees. Obama é um homem que transporta consigo muita da memória do sofrimento humano de África e do Novo Mundo, mas também da esperança da Humanidade. O seu provável sucessor poderá vir a ser um símbolo assumido de tudo aquilo que de mentecapto existe na sociedade americana e ocidental. A sua vitória implicaria um enorme retrocesso, pelo menos cultural, para a Humanidade. Hitler também foi democraticamente eleito pelo povo alemão, e deu o que deu. Isto para dizer que, do politicamente popular até ao politicamente correto, dificilmente algum dia veremos nos E. U. A. um presidente Cherokee, Sioux, Comanche ou Apache, o mesmo acontecendo no Canadá, onde os descendentes dos colonos ingleses ainda mantêm a bizarria de terem aquela fleumática velhota que é a rainha de Inglaterra como chefe de estado. Ele há coisas que a razão não entende ou vai demorar séculos a alterar.

Escravos chineses, ou asiáticos, têm demorado a ser considerados na triste história da escravatura, não apenas por causa do conhecimento dos seus pressupostos civilizacionais estribados no confucionismo, no taoismo ou no budismo, mas porque eles foram, em termos globais, os "últimos a chegar", numa época em que já era suposto que a Humanidade tivesse vergonha do fenómeno. Por isso os diversos autores lhes chamam "emigrantes asiáticos", *culies*, chinas, ou outras designações injuriosas ou sofismáticas. Foram tão escravos como os brancos cativos, os negros capturados ou os vermelhos abatidos, seres humanos a quem alguém entendeu em nome do costume, da religião oficial, da lei do estado ou simplesmente da ganhuça, privar da sua terra e da família, dos meios de subsistência próprios e da condução do seu destino. Afinal é isso a escravatura.

Já em 2012 tentei perceber o fascínio de Eça de Queirós pela civilização chinesa em "A representação dos chineses na obra de Eça de Queirós" (GUIMARÃES, J. A. Gonçalves, *Revista de Estudos Chineses Zhongguo Yanjiu*, Lisboa: Instituto Português de Sinologia, n.º 8, 2012, p. 59-74). Nesse mesmo ano Elina Maria Correia Batista apresentou na Universidade da Madeira a tese de doutoramento "Da emigração entre continentes em Eça de Queiroz: da correspondência consular à obra literária", onde analisa a emigração dos culies no enquadramento mais geral do "sonho americano", que igualmente atraiu muitos portugueses insulares e continentais, depois dos anos da "escravatura branca" para o Brasil imperial e republicano. Este artigo que agora consideramos dá particular relevância à posição das autoridades de Macau à época, apresentando uma listagem das embarcações que transportaram do porto de Macau para Havana, Callão de Lima e outros destinos americanos os milhares de escravos chineses perante a indiferença internacional apenas amenizada no caso de Cuba pelo cônsul Eça de Queirós que nem sequer tinha sangue asiático nem era confucionista. Era apenas «um pobre homem da Póvoa de Varzim» e isso lhe bastava para o seu sentido de solidariedade para com as vítimas daquela gritante exploração a que não quis nem pode ficar intelectual, burocrática e humanamente indiferente.

Terminemos com uma boa notícia: o atual Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Dr. José Luís Carneiro, está a providenciar uma nova edição do notável relatório de Eça de Queirós escrito em 1874 e publicado pela primeira vez em 1979 por Raúl Rego sob o título "A Emigração como força civilizadora" e depois em duas outras edições promovidas por José Lello e Isabel Pires de Lima em 2000 e 2001, que rapidamente esgotaram. Aí escreveu Eça: «Estudadas as feições da emigração livre, a história dos seus movimentos, as suas causas, as suas consequências económicas, as suas relações com o Estado e a possibilidade da sua organização universal, discutida a emigração assalariada nas suas correntes e nos seus resultados sociais, eu julgo terminado este trabalho que é a afirmação, e direi mesmo a apologia, da emigração como força civilizadora». Valeria a pena traduzi-lo para inglês e difundi-lo pelos fóruns mundiais, pois a Humanidade teria muito a ganhar com as reflexões que este texto de Eça viesse a provocar na atual classe política. Talvez também provocasse a ira de um certo senhor que os estadunidenses se preparam para eleger como seu presidente. E o problema não será só deles, mas do mundo inteiro. Já nos chegava Putin e a sua sociedade dopada.

Email
queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blospot.com
eca-e-outrasblogspot.com

Coordenação da página
queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:
Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas V.N. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telm.: 968 193 238

Educação para a Arte

Encontros com a Cidade

A educação tem sido uma das principais apostas da Câmara Municipal do Porto. Por isso mesmo, considera a professora Guilhermina Rego, vice-presidente do município, que a "capacitação dos jovens em fase formativa da personalidade é crucial para o desenvolvimento pessoal e crescimento sustentável da comunidade".

Maria José Guedes

Sendo o Porto uma cidade cada vez mais cosmopolita e global é pois necessário que se encontrem soluções educativas que não se limitem apenas à organização e ao funcionamento da escola, como instituição. Desta feita, afirma Guilhermina Rego que "Numa perspectiva holística do fenómeno educativo, é de capital importância para o futuro das gerações vindouras a promoção de uma educação voltada para a história, para a cultura e para a arte." Assim, o Pelouro da Educação, Organização e Planeamento da autarquia portuense promove a edição desta obra "Educação para a Arte. Encontros com a Cidade".

Este livro de 227 páginas, a cores, que tem a singularidade de no verso da contra-capa incorporar um envelope, que faz parte do Livro, e que proporciona o planeamento de um passeio pelo Porto, através das folhas soltas que integram a planta da cidade, dos locais mais emblemáticos e históricos, bem como um conjunto de perguntas e respostas de cada um dos locais, para que qualquer visitante possa enriquecer o seu conhecimento deste burgo que está cada vez mais nos roteiros das cidades imperdíveis.

Esta obra é, em si mesma, mobilizadora de toda uma comunidade que vai encontrar nestas páginas uma fonte de educação para as próximas gerações que, de forma simples e cativante, vão enquadrar a história desta Mui Nobre e Sempre Leal Invicta Cidade do Porto, num percurso de liberdade criativa. Para a Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto trata-se "de um meio de demonstrar a inequívoca influência da ciência e da arte na formação dos nossos jovens". Esta obra que está inserida na coletânea "Educação, Ciência e Arte" conta com a assinatura reconhecida do professor catedrático Rui Nunes, como coordenador científico. Participaram nesta obra onze dos nomes mais conceituados das artes e das letras do Porto: Álvaro Domingues, geógrafo, professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto; Helder Pacheco, escritor e investigador; Isabel Ponce de Leão, professora catedrática da Fcauldade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa; João Teixeira Lopes, sociólogo e professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; José Guilherme Abreu, professor convidado da Universidade Católica do Porto e Investigador do CITAR; Laura Castro, historiadora da Arte, Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa; Levi Guerra, médico, professor jubilado de medicina – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; Luís Valente de Oliveira, engenheiro, professor de Engenharia da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, presidente do conselho de fundadores da Casa da Música; Maria de Belém Roseira, jurista e ex-Ministra da Saúde; Mónica Oliveira, escultura e professora da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e Nassalete Miranda, jornalista e diretora do jornal cultural AS ARTES ENTRE AS LETRAS. Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto, que escreve o texto da abertura da obra, mostra-se convicto que está hoje "mais do que comprovado que só é possível um desenvolvimento económico sustentável de qualquer agregado urbano se houver agora uma aposta clara e inequícova em capital humano, afinal a riqueza das nações e das cidades. (...) Por isso é tão importante o binómio educação e cultura, como parte de um todo indissociável e autopotenciador, não sendo por acaso que o Porto é hoje internacionalmente reconhecido como cidade de ciência, de educação e de cultura. E é esta combinação que transformou o Porto numa cidade vibrante mas histórica, romântica mas moderna, turística mas empreendedora. (...) «Educação, Ciência e Arte» são, então, parte de um todo indissociável, uma obra que pretende reconhecer esta realidade e assim contribuir para a universalidade e intemporalidade da cidade invicta". Rui Nunes, Coordenador do Programa Porto Cidade de Ciência, diz-nos que esta colectânea "pretende demostrar também que o Porto é uma cidade criativa. E que a criatividade tem diferentes facetas, diferentes matizes, e que todas elas representam a expressão máxima da natureza humana. (...) Esse é o papel da educação, é o contributo da ciência e é o desígnio da arte". "Educação para a Arte" faz-nos viajar pelas dimensões da arte pública, pelas esculturas e jardins, pelas praças e cemitérios históricos, pelos monumentos, lendas e tradições. Um verdadeiro encontro com a cidade e com os seus mistérios!

Porto, Cidade Criativa

Educação para a Arte – Encontros com a Cidade é uma obra inserida na Coletânea Educação, Ciência e Arte, uma edição da Câmara Municipal do Porto, e que pretende demonstrar a inequívoca importância do conhecimento, da ciência e da arte na formação dos nossos jovens. Depois das obras "O Porto e as Escolas" e o "Porto e as Igrejas" este livro pretende imortalizar a arte urbana da cidade divulgando, de um modo dinâmico e interativo, cada uma das fantásticas esculturas que se podem desfrutar nos seus espaços públicos.

Mas, mais do que isso, esta obra pretende também educar. Educar para cultura. Educar para a arte. E assim educar para a cidadania.

De facto, uma sociedade moderna e desenvolvida, uma sociedade inclusiva e participada, necessita de cidadãos culturalmente desenvolvidos e ideologicamente preparados. E, sendo a escola o principal equalizador social das sociedades contemporâneas, é natural que este espaço privilegiado afirme a nossa cultura, a nossa língua e o nosso património. E o que se pretende com este livro *Educação para a Arte – Encontros com a Cidade* é precisamente enriquecer o capital educativo, cultural e civilizacional dos nossos jovens.

Portugal tem uma riquíssima e privilegiada história, da qual todos se devem orgulhar, história em parte vertida no património arquitetónico das cidades. E o Porto é um dos expoentes máximos desta "portugalidade", embora com as especificidades que a "antiga, mui nobre, sempre leal e invicta" cidade sempre cultivou num espírito de generosidade e de tolerância. A intemporalidade da sua cultura, a abnegação das suas gentes e a determinação das suas elites estão bem representadas nesta obra que mais não pretende ser do que um testemunho vivo do magnífico acervo educativo-cultural da cidade. Pela pena de diferentes autores criam-se roteiros, idealizam-se conjeturas, expendem-se teorias num contributo, único, singular e original.

Educação para a Arte – Encontros com a Cidade pretende demonstrar também que o Porto é uma cidade criativa. E que a criatividade tem diferentes facetas, diferentes matizes, e que todas elas representam a expressão máxima da natureza humana. Esta multidimensionalidade torna o ser humano mais dinâmico e empreendedor, libertando o espírito e fomentando a emergência de espaços de liberdade, de respeito e de tolerância. E é esta enorme criatividade que transforma progressivamente o Porto numa cidade global, onde a liquidez da sua expressão artística torna os espaços públicos particularmente atraentes e generosos.

Rui Nunes
Professor Catedrático
Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
Head of the Research Department
International Network UNESCO Chair in Bioethics (Haifa)
ruinunes@med.up.pt

A obra *Educação para a Arte – Encontros com a Cidade* está, tal como o título já indicia, dividida em duas partes, duas componentes, ainda que radicalmente complementares. *Dimensões e Olhares sobre a Escultura no Espaço Público e, seguidamente, À Descoberta da Escultura no Porto*.

A primeira reflete o sentimento de diferentes personalidades sobre a nossa cidade. De tantas extraordinárias contribuições é sempre difícil salientar alguma em particular dado que todas são exemplos candentes do estilo e da visão que nortearam esta obra. *Uma Selfie com o Homem do Leme* de Álvaro Domingues, *Desta Nobre Gente, Por Aí Nesta Cidade* de Hélder Pacheco, *Um Amor de Perdição* de Isabel Ponce de Leão, *A Arte Pública no Porto* de José Guilherme Abreu, *Arte Pública: Um Convite para Pensar a Cidade e a Vida* de José Teixeira Lopes, *Arte e Artistas no Espaço Público do Porto* de Laura Castro, *A Ciência e o Porto* de Levi Guerra, *As Esculturas do Porto* de Luís Valente de Oliveira, *O Porto e a República* de Maria de Belém Roseira, *A Escultura Pública como Recurso Educativo* de Mónica Oliveira ou *Irene e Guilhermina* de Nassalete Miranda demostram bem que todos são de facto "coautores" desta obra colaborando de uma forma séria e descomprometida e revelando toda a sua densidade cultural e cívica. Moldando historicamente esta obra transmitem de um modo incontornável às gerações vindouras a responsabilidade, o dever, da sua contínua atualização. Pelo que será sempre uma obra inacabada – qual Sagrada Família de Antoni Gaudí – que o tempo vai drasticamente esculpindo.

Num segundo momento traçam-se roteiros, identificam-se percursos e criam-se passeios *mano a mano* com a arte, a arte urbana. Ao que se segue de um modo enigmático e quási surreal a recriação de um conjunto de olhares. Do primeiro olhar a um olhar sensorial, de um olhar analítico a um olhar imaginativo, de um olhar de outro tempo a um olhar por detrás do tema, e obviamente também um olhar por detrás do autor. A obra termina, assim, com uma recensão dos artistas, escultores na pedra e no tempo, que imortalizam a cidade na sua nobreza e identidade. Uma justíssima homenagem coletiva, ainda que tardia, ao acervo intelectual e artístico dos diferentes escopros que moldaram a nossa urbe.

A arte não ocupa espaço e o conhecimento não tem dimensão tangível. *Educação para a Arte – Encontros com a Cidade* é portanto uma ode a uma nova cidadania onde a educação cultural agrega valor, alimenta o espírito, e aquece a alma desse "animal inquieto" que é o homem. Inquieto porque necessita da cultura para estimular as suas emoções e fomentar a sua racionalidade.

E foi um privilégio coordenar esta obra constatando a extraordinária visão do Município do Porto, que não se limitando ao habitual, muito menos a uma visão politicamente simpática, antecipa com enorme clarividência aqueles que são os pilares da modernidade. Criar esses pilares, é o papel da educação, é o contributo da ciência e é o desígnio da arte.

NOTA

Nestas três páginas seleccionamos excertos dos textos que compõem "Educação para a Arte – Encontros com a Cidade", bem como as respectivas obras que inspiraram cada um dos autores que nos movem para novas reflexões.

Arte pública: um convite para pensar a cidade e a vida

por ***João Teixeira Lopes***

"(...) Se falamos de uma obra aberta ou de uma ininterrupta criação colectiva torna-se palpável a existência de um princípio quase implícito de urbanidade; princípio que, segundo Isaac Joseph, remete para os primórdios da conversação sociável: a possibilidade, ou melhor, «a liberdade dos participantes em interromperem o decurso daquilo que têm em comum». Se o espaço público é eminentemente político, importa sublinhar a afirmação se Sennett, na senda de uma relação com o outro, alimentada pelo discurso e pela constestação e não por meros rituais de repetição que nos conduzem ao entorpecimento, logo à inconsciência e à indiferença: «as definições políticas do público não sabem como pensar o espaço do público». Imagino espaços públicos distémicos que propiciam a relação entre diferenças (sem esquecer que existem fortes desigualdades, nomeadamente na distribuição de capital cultural): um cosmopolitismo vernacular (não elitista, não snob...) alimentado pela serenidade (o imprevisto dos usos e interações), em cidades legíveis e comunicáveis, em tudo contrárias à «cidade genérica» (Rem Koolhaas) e à lógica de neutralização e despolitização dos espaços públicos; cidades que não são um mero mosaico de «tribos urbanas» incomunicantes (o neotribalismo das configurações culturais pós-modernas assentes no nomadismo, fragmentação, consumo), nem um cenário de fantasias à Disney. A invenção da arte pública convida à pluralidade e complexidade dos espaços públicos, muito para além da nostalgia da rua, praça e jardim, fugindo ao estabelecimento de fronteiras e aos variados controles institucionais".

A escultura pública como recurso educativo

por ***Mónica Oliveira***

"A escultura pública, em concreto, faz parte do nosso quotidiano, apropria-se de espaços da esfera pública definindo um contexto. São obras que estão intrinsecamente ligadas a um espaço real e a um tempo específico, onde se articulam referências a lugares, eventos e memórias locais. Surgem, ora como elementos de animação arquitetónica, ora como elementos de qualificação urbana, ora como lugares de devoção, deixando marcas de uma identidade coletiva. A escultura pública determina a leitura da sociedade, funcionando como um indicador autobiográfico da sua história e da sua geografia social, estabelecendo um diálogo entre os cidadãos. As obras comunicam, convidam á participação do público, despertam sensações, sentimentos, reflexões, desafiam convenções, contribuem para a mudança, descodificam significados, ativam a memória. A escutura pública coloca novos problemas, provoca, informa e renova a nossa relação com o mundo. (...) As pessoas não possuem uma formação visual que lhes assegure os instrumentos imprescindíveis para perceberem o mundo á sua volta e as esculturas tornam-se assim invisíveis e incompreendidas. (...) A utilização da escultura pública como recurso educativo incita os cidadãos a uma tomada de consciência, impulsionando-os a construir relações entre a sua identidade e as representações sociais sobre o mundo que permitirá uma revitalização do património cultural. A educação artística, centrada na escultura pública, que ajude a problematizar e a projetar o presente e o futuro, verdadeiramente ambiciosa, que questione e seja capaz de traçar novas linhas de ação, pode ser um dos garantes de uma nova cidadania".

Arte e artistas no espaço público do Porto

por ***Laura Castro***

"No espaço público da cidade do Porto e nos seus lugares de fruição pública há certamente mais estatuária e escultura do que intervenções artísticas urbanas, entendendo estas num quadro mais consequente do que se refere a implantação, referências e uso que contribui, não apenas para a existência de elementos de valor artístico e estético, mas para a criação de cidade, com todas as implicações sociais que daqui decorem. Longe de abranger a diversidade de modos e modelos de instalação da arte pública que o devir artístico das últimas décadas proporcionou, o Porto apresenta ainda muito espaço físico e cultural por preencher. Não obstante, a cidade possui obras e intervenções muito significativas de artistas que, na sua maioria, nasceram, estudaram e desenvolveram a sua atividade no Porto e no Norte do país. Constatar esta ligação pressupõe apenas as circunst~encias próprias de uma cidade que tem a sua Academia de Belas Artes desde os anos 30 do século XIX e que trabalha com artistas que passaram por essa instituição, mão indicando qualquer condicionalismo de outra ordem ou qualquer marca característica que apenas ao Porto respeitasse. (...) Através de peças e intervenções como as citadas, é possível fazer uma leitura discreta de correntes artísticas que se encadearam no tempo e elaborar um panorama crítico das implicações estéticas propostas pela respectiva presença no espaço público".

A Arte Pública no Porto

por ***José Guilherme Abreu***

"Como explica Lewis Mumford, a cidade favorece, e é, uma obra de arte, porque é o teatro da ação coletiva. Se não mesmo, como considera Giulio Carlo Argan, a cidade é em si própria uma obra de arte, pois na sua opinião «a cidade não é um invólucro ou uma concentração de produtos artísticos, mas um produto artístico ela mesma».
Um estudo ainda que breve da arte pública do Porto não poderia, por isso, ignorar a malha urbana do Porto, pelo que resolvemos descartar a abordagem meramente histórico-artística, e em alternativa optar por uma metodologia cuja estruturação partisse do tecido urbano e acompanhasse o seu crescimento e evolução. (...) Esta metodologia visa facilitar a organização de Roteiros Interpretativos (presenciais ou virtuais), procurando tirar o partido do potencial pedagógico das coleções de arte pública. (...) Apesar das suas limitações, a amostra da coleção de Escultura pública do Porto permite aduzir que a mesma contém tipologias, linguagens e autores muito diversificados, ao mesmo tempo que acompanha e documenta a evolução artística da produção escultórica, ao longo do extenso arco cronológico que a pontua, denotando assim a sua riqueza."

Uma Selfie com o Homem do Leme

por Álvaro Domingues

" Deambulando por uma cidade desconhecida pode-se ter uma ideia do difícil que é descortinar o significado oculto dos lugares. Olhando para as coisas com memórias de outros semelhantes, pensamos naquele cavaleiro directo e autoritário que fixa o espaço em frente com o seu pensamento de bronze. É uma estátua equestre com toda a solenidade e pose do costume. Num dos lados da praça onde se fecha o horizonte do olhar do cavaleiro, uma poderosa estrutura metálica retorce-se enferrujada, lavrando pelo pavimento, sumindo-se a espaços, enrolamdo-se, subindo e cravando-se nas paredes e nas coberturas dos edifícios. Dir-se-ia uma ameaça pronta a soltar-se a qualquer mínima distracção do cavaleiro. (...) Afirmando-se que a arte (no singular) só existe há dois séculos na cultura ocidental, e também para ultrapassar a crise da utopia fundadora da modernidade – recusando o mimetismo, procurando uma arte pura, abstracta, através da

qual se acedia a uma experiência estética superior própria do exclusivo da arte - , Rancière afirma que este é o regime ético da arte.

Vieram depois as academias e, genericamente, as formas instituídas de codificação da arte. Tratava-se de elaborar e reconhecer códigos definidores da obra artística: maneiras de fazer, critérios claros de avaliação do bem ou do mal feito. (...)Num tempo em que a construção identitária e as memórias colectivas se tornam instáveis, que o tempo acelerou e que a globalização nos inunda de catadupas de acontecimentos e geografias, viver num lugar é um exercício constante de leitura desse lugar no mundo. As esculturas são, como muitas outras coisas, espécie de marcadores que nos prendem a uma rede que nos envolve porque nos impele a partilhar com outros mundos que aí se condensam. Afinal, uma parte fundamental do exercício quotidiano de conseguirmos viver juntos, comunicar e perceber o sentido das coisas. Se não for assim, as estátuas derretem-se ou levantam voo como o cavalo do sonho que abriu este texto".
(Este texto não foi escrito ao artigo do novo acordo ortográfico)

O Porto e a República

por ***Maria de Belém Roseira***

"Para quem como eu, nasceu no coração da cidade do Porto – ou seja, na Rua Fernandes Tomás, perto do Campo 24 de agosto – falar sobre o «Porto e a República», no âmbito da publicação Educação para a Arte – Encontros com a Cidade, é pretexto para reencontro com as memórias de infância, a descoberta da alma de uma cidade, o seu impacto na construção de carácter, a sua História e o seu futuro. (...) Faz, pois, todo o sentido evocar «O Porto e a República». Mas faz todo o sentido fazê-lo não esquecendo todos os antecedentes que abriram caminho à implantação da República em Portugal e de como a toponímia da cidade e o seu património esculpido, integrado no espaço público, faz homenagem a essa memória, ao heróis que tombaram em nome dos ideais generosos que os guiaram e como é nosso dever tributar-lhes homenagem e incorporar as lições que alguns dos mais ativos militantes pelo desenvolvimento do país e pela regeneração da política nos deixaram. (...) Porto, República, toponímia e património esculpido seguem uma linha coerente e harmónica com a alma dos Porto e das suas gentes: generosidade – o apelido de «tripeiros» tradu-lo bem – intrepidez, coragem, inconformismo, desassombro, capacidade de luta e vanguardismo.

Um Amor de Perdição

por ***Isabel Ponce de Leão***

Natural de Lisboa, nascido na Rua da Rosa e 1825, Camilo Castelo Branco é com o Porto - «lugar de onde, por onde e para onde» - que mantém estreita cumplicidade, mesmo se numa relação tortuosa de partidas e retornos entre Lisboa, Coimbra e Trás-os-Montes. (...) O mesmo Porto o vê tombar de amores por Ana Plácido (1850) que conheceu num baile da Assembleia Portuense. Tentando debelar a paixão que o consumia por uma mulher comprometida, evade-se para Lisboa e tenta, em jeito romântico, uma frustrada experiência mística no Seminário do Porto. O escândalo estava, contudo, instalado e os dois amantes andam foragidos até serem presos, por adultério, na Cadeia da Relação do Porto (1860); posteriormente viriam a ser absolvidos (1861). Formalizada a relação com Ana Plácido (1868), sua cúmplice nas letras, com quem fundou e dirigiu a Gazeta Literária do Porto, fica a residir na Rua de Santa Catarina e depois na de S. Lázaro, onde queima, em frente de D. Pedro II, imperador do Brasil, o romance A Infanta Capelista. (...) Quando um escultor interpreta uma obra por muitos considerada o melhor romance de amor do século XIX português, «o emblema máximo da ficção romântica (...) uma autêntica obra-prima», quando o faz, dizia, corre riscos que só a experiência, a sensibilidade e a mestria podem agilizar a superar. Correu-os Francisco Simões e, dentro da poética que lhe é peculiar, traduziu a luta trágica entre Eros e Tânatos de que a sociedade sai culpada e o amor absolvido.

Irene e Guilhermina

por ***Nassalete Miranda***

"Uma das missões mais nobres das instituições públicas que se assumem como democráticas é pensar o futuro através da Cultura e da Educação, na certeza de que ambas tendem a libertar o Homem. (...) Com a edição deste livro Educação para a Arte – Encontros com a Cidade, a cidade cumpre-se, e cumpre uma das suas características mais emblemáticas: intervenção cívica através da cultura.
Educar para a cultura é criar pontes e pontos com o futuro, na certeza de que a cultura, nos seus diferentes e múltiplos olhares, interrogam a humanidade. Um destes olhares é a escultura. E é a escultura, enquanto arte pública, o propósito desta edição."

As Esculturas do Porto

por ***Luís Valente de Oliveira***

"As funções das esculturas nos espaços públicos urbanos são múltiplas. Desde as meramente decorativas num jardim, muma praça ou num edifício até às que cumprem uma função evocativa, há numerosas formas de escultura que usam materiais diversos para comunicar o seu propósito. Algumas vezes há também manifestações de arte efémera que duram o tempo de uma exposição e que, depois, são destruídas pelo tempo e pelo Homem. (...) O Porto não está mal guarnecido. Mas poderia estar melhor! (...) É evidente que os motivos escultóricos beneficiam sempre com uma explicação oral acerca do seu significado. Isso ajuda ao fortalecimento da identificação com a Cidade. E evitaria situações caricatas como a que acontece na Ribeira em que a placa feita por José Joaquim Teixeira Lopes para marcar o centenário do desastre da Ponte das Barcas – outro local de sofrimento dos portuenses – fosse usado como local de culto e de promessas onde se põem velas para que o Futebol Clube do Porto ganhe o próximo jogo...
Esta coisa das estátuas em espaço urbano tem muito que se lhe diga!...".

A ciência e o Porto

por ***Levi Guerra***

"O Porto é uma cidade de ciência. Comprovam-no as esculturas de cientistas nela existentes, mas sobretudo a exuberante referência deles na toponímia da Cidade. (...) Pode pois, concluir-se que a ciência, neste ramo do saber, esteve representada com superior dignidade e valor na cidade do Porto. Terá, além disso, contribuído, ao longo dos anos, para o bem-estar dos seus habitantes, proporcionando-lhes mais vida, e cumprindo a fundamental missão de serem os médicos, como diz Miguel Torga, o médico poeta (Dr. Adolfo Correia da Rocha), assim:...«Temos de ser os últimos a desanimar. Ou não fôssemos nós os serviçais da vida e os fiadores da esperança».
Há mais ciência na Cidade para além da medicina. Outros, por certo, disso tratarão."

«Um simbólico sepulcro»

O MMIPO - Museu e Igreja da Misericórdia do Porto exibe entre amanhã (15 de Setembro) e 2 de Novembro a exposição «Um simbólico sepulcro | A symbolic sepulchre». Recorde-se que o MMIPO, situado em pleno centro histórico do Porto, na Rua das Flores, foi distinguido com o Prémio Museu Português de 2016, atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia.

«Primeira comunhão», de Constância Nèry

«Brasil Naïf, uma viagem na alma brasileira»

O Musée International d'Art Naïf Anatole Jakovsky, em Nice, França, acolhe a exposição «Brasil Naif, Uma viagem na alma brasileira» («Fantaisies brésiliennes») até 2 de Outubro. A mostra apresenta uma selecção de 60 obras de 50 artistas mais representativos da arte naïf brasileira, tais como: José Antônio da Silva, Sílvia Charleo, Chico da Silva, José de Freitas, Rosina Becker do Valle, Iaponi Araújo e Constância Nèry.

«Sound & Confort»

A galeria José Rosinhas Art Gallery Wall inaugura a exposição individual de Rui Paiva «Sound & Confort» na próxima sexta-feira (16 de Setembro), entre as 21h30 e as 23h30. A mostra de aguarelas estará patente ao público até ao dia 28 de Outubro, no ARQ.COM (trata-se de um gabinete de arquitectura, um espaço de co-work e loja de objectos e mobiliário de autor, na Rua Faria de Guimarães, no Porto).

«Arte Contemporânea 2016»

A Galeria de Arte do Casino Estoril apresenta, de 17 de Setembro a 11 de Outubro, a exposição «Arte Contemporânea 2016». Trata-se de uma colectiva que reúne um conjunto de obras nas modalidades de pintura, escultura e gravura. Os visitantes poderão observar trabalhos de artistas como Alfredo Luz, António Joaquim, Artur Bual, Carlos Ramos, Diogo Navarro, Eduardo Alarcão, Jorge Pé-Curto, Maria Flores, Marius Muraru, Nélio Saltão, Paulo Ossião e Rogério Timóteo. A mostra tem entrada livre.

«Era uma vez... Outra vez» e «Continuidade»

A Fundação Escultor José Rodrigues acolhe duas novas exposições. A Biblioteca da Fundação Escultor José Rodrigues - Fábrica Social, no Porto, acolhe duas exposições individuais, que integram o projecto José Rosinhas Art Gallery Wall. «Era uma vez... Outra vez», de Carlos dos Reis, e «Continuidade», de Luísa Gonçalves, podem ser visitadas até 8 de Outubro.

Pascal Ferreira e Filipa Cruz no Lugar do Desenho

O Lugar do Desenho | Fundação Júlio Resende, em Gondomar (Porto), acolhe duas novas exposições até ao dia 9 de Outubro. «Cordilheira», de Pascal Ferreira, pode ser visitada na sala de exposições temporárias, e Filipa Cruz exibe o seu trabalho sob o título «Nimium ne crede colori» na sala 3.

«O Fado»

O Clube Gondomarense, em Gondomar (Porto) inaugura a exposição «O Fado» de Pedro Pedrosa na próxima sexta-feira (6 de Setembro), às 21h30. A mostra de desenhos a carvão pode ser visitada até 16 de Outubro.

Na Fundação Escultor José Rodrigues

A Fundação Escultor José Rodrigues (FEJR), no Porto, inaugura três exposições no próximo sábado, pelas 16 horas. Uma das quais dá início às comemorações do 80.º aniversário do fundador, escultor José Rodrigues: «Celebração». Esta mostra é realizada pelo mestre José Rodrigues e pela artista plástica Raquel Rocha e pode ser visitada até 5 de Novembro. «Atrair pelo Bem, pintar com a Alma», de Rosa Ramos, e «Refuseds», de caopestana, são as duas outras exposições com inauguração no dia 17. Estas estarão patentes até 22 de Outubro. Entretanto, na sexta-feira, dia 16 de Setembro, inaugura «Quatro diários gráficos», também na FEJR às 16 horas. A colectiva de gravura estará disponível para visita na cafetaria Real Fábrica Social até 5 de Novembro.

«À luz dos castelos envidraçados»

A exposição internacional de collages surrealistas «À luz dos castelos envidraçados» inaugura no próximo sábado, 17 de Setembro, às 17 horas, no Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz. A mostra é organizada por Miguel de Carvalho e Rik Lina, que também participam na exposição que pode ser visitada até 31 de Dezembro. Seixas Peixoto é outro dos nomes presentes na mostra.

Helena AM Pereira
museóloga

Cartas da Guerra e da Revolução

Após um dia de instrução, essencialmente técnico, com aulas de informação e contrainformação, aulas de topografia e aulas de técnicas de instrução que me preencheram todo o tempo de trabalho, tomei banho e, enquanto aguardava deitado e em fato de treino a hora de terceira refeição, lembrei-me de ti, meu amorzinho, e quis guardar-te em profunda concentração.

Base Escola de Tropas Paraquedistas de Tancos, 20 de outubro de 1976

Estreou "Cartas da Guerra", um filme realizado e escrito por Ivo M. Ferreira e Edgar Medina, a partir da obra "*D'Este viver aqui neste papel descripto.*", cartas da guerra de António Lobo Antunes para a sua primeira mulher, Maria José Fonseca e Costa, escritas entre 1971 e 1973, em Angola, durante a Guerra Colonial para a qual havia sido recrutado. A correspondência de Lobo Antunes foi compilada e publicada pelas filhas em 2005, apenas depois do falecimento da mãe e de acordo com aquilo que havia sido a sua vontade. Corri a vê-lo. É uma obra de arte, pura e sublime. De um bom gosto atroz e de uma dificuldade enorme para os atores que dão corpo à guerra, sob a égide de uma voz de mulher que lê as suas cartas mas não conta, diretamente, os episódios da tormenta. E é um filme de uma coragem imensa, na opção clara de não ser clichê e de ir ao mais profundo do ser humano. É uma obra de arte, repito. Mais do que cinema, na sua dimensão de cultura de massas, é arte de elite mas que, por oposição, consegue chegar a todos, perto demais até, dir-se-ia. A direção de fotografia consegue colocar-nos lá, em África e em Angola, na guerra, nessa Guerra Colonial inútil e sem sentido. O filme faz-nos sentir isso: que era uma guerra inútil e de uma crueldade enorme para todos aqueles que se viam obrigados a partir, sem saber do regresso. Das cartas e da escrita do António Lobo Antunes há sempre tanto e tão pouco a dizer. É um intelectual como este país tem poucos e um escritor que foi capaz de definir um estilo inconfundível, duro, difícil. Depois de lermos e vermos estas "Cartas da Guerra" compreendemos melhor o frio e o denso dos outros livros. Livros que não são poemas, são memórias de uma geração, disfarçadas em personagens que só a imaginação de um génio pode inventar. A história e o contexto do livro é-me tão próximo. Acho, na verdade, que a minha fixação por autobiografias e por correspondência é uma espécie de herança familiar. Muito cedo (e ainda são ambos vivos) os meus pais legaram ao meu cuidado as cartas que, entre 1975 e 1977, ou seja, entre a viagem que faz, à boleia, pela Europa e o período em que, a partir de 6 de janeiro de 1976, está na Base Escola de Tropas Paraquedistas de Tancos para cumprir serviço militar obrigatório, o meu pai escreve à minha mãe. Recentemente, a propósito de um projeto para teatro, o contexto do PREC – Processo Revolucionário em Curso – e o do ano de 1976, a aprovação da Constituição, as primeiras eleições livres para a Assembleia da República, a que se seguiram as Presidenciais e as Autárquicas e de como tudo isto foi vivido, precisamente, nas estruturas das Forças Armadas, voltei às cartas do meu pai para a minha mãe. São, primeiro que tudo, cartas de amor, como são as cartas da guerra de António para Maria José. Estas últimas são da guerra porque é esse o seu cenário de realização. As do meu pai são da Revolução porque, em 1976, ela ainda está em curso, ainda que o PREC tenha tido como fim simbólico o 25 de novembro de 1975. Como pode o amor ser alavanca da esperança e de um ideal de Liberdade que se persegue e procura? É o que nestes documentos, os da Maria José e da Joana e os meus, impressiona. E como estes haverá muitos por aí e eles são o retrato e o documento mais fiel para contar estórias dentro da História, para a humanizar e aproximar de todos os públicos, mesmo dos que já desistiram de se encontrar na tal ideia de identidade que os deve prender ao chão quando têm vontade de desistir.

O que é a escrita senão um exercício de verdade interior que transformamos em conteúdo, público ou privado, revelando-nos como espelho? Dizia Pessoa que "o poeta é um fingidor" e quem escreve, por recreio ou profissão, tem essa capacidade de sair de si e de, através da escrita, reinventar-se. Não sei se António Lobo Antunes se reinventa nas suas cartas da guerra, ou se apenas escapa de crueldade do que vive e vê, na urgência desse amor de longe e dessa urgência de voltar. Não sei se o meu pai se reinventa nas cartas à minha mãe. Há nelas a verdade do homem que hoje conheço, é certo. Mas sei que um dia seguirei o exemplo da Maria José e da Joana Lobo Antunes e as vou publicar. Pode ser que um Ivo e uma Margarida façam delas Arte, dando-lhes palco ou tela e que deixem de ser minhas, a minha herança e o meu orgulho, e passem para o domínio dos comuns, dos que vivem de memórias.

Um bem-haja a quem resiste e insiste em fazer Arte, pura e sublime, de elite mas para todos.

Ana Rita Brito
licenciada em Ciências da Comunicação

O pintor autodidata

O que leva um desenhador industrial a pegar em óleos e num pincel e a procurar rostos humanos e paisagens? A vertigem da experiência, responde. Mas este é apenas o seu ponto de vista. Mas o ponto de vista num pintor é quase tudo.

António Lemos é do Porto, tem 75 anos e uma vida dedicada ao desenho e à pintura repleta de histórias para contar.

Desde muito novo que mostrou aptidão para o desenho. Confessa que entre os livros da escola tinha sempre papéis com desenhos seus e que por vezes ficava desatento à lição. Entre os 15 e os 18 anos fez muitos esboços trabalhosos e copiava muitas obras para exercitar a técnica e a memória visual.

Estudou desenho industrial na Escola Industrial Infante D. Henrique, o que considera ter sido uma grande aprendizagem para o futuro.

Pelo meio, atravessou tempos conturbados: António Lemos foi destacado para a guerra colonial em Moçambique, onde ficou dois anos e meio.

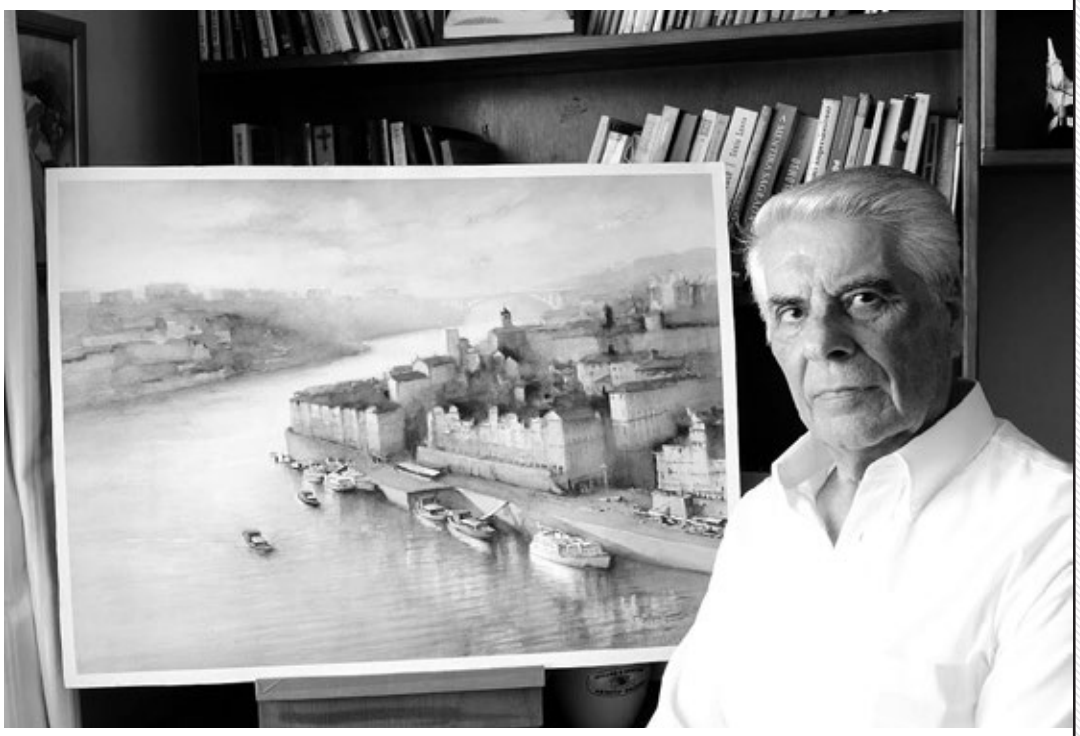


FOTO: TAÍSA PAGNO

No entanto, o sucesso desses desenhos foi tal que o comandante convidou-o para fazer uma exposição em Lourenço Marques (atualmente, Maputo).

No início, hesitou perante a ideia, pois não tinha à sua disposição os materiais necessários para trabalhar. Mas o comandante tanto insistiu que com alguns guaches e um papel de fraca qualidade, lá fez a exposição de caráter comunitário que lhe valeu uma menção honrosa e uma crítica bastante positiva.

António sempre foi muito observador. Diz que para se desenhar e pintar é necessário captar aquilo que nos emociona, o que realmente queremos assumir e transcrever como imagem.

Após muitos anos a produzir maquinaria com base no desenho industrial, mudou para o têxtil e chefiou uma secção de desenho. Foi desenhador durante 35 anos e criou originais seguindo as tendências da moda. Aos poucos, foi introduzindo a figura humana nos seus trabalhos como exercício próprio para se exprimir, acompanhado pelo rigor da arte aplicada da moda e estamparia e visitou diversos locais europeus, Londres, Paris, Milão, Madrid.

Ao mesmo tempo conciliava o trabalho com a pintura. Iniciou-se com a pintura a óleo, mas também recorreu à aguarela. Considera que a aguarela era tratada por muitos o parente pobre da pintura artística, mas não concorda em nada com quem fazia tais afirmações.

Era principalmente aos fins-de-semana e no fim dos dias de trabalho que tinha os seus momentos criativos.

Depois do êxito da primeira exposição, por incentivo da mulher e dos filhos, foi altura para os amigos de António começarem a insistir para expor em mais locais. Intitula-se um artista intimista e fica sempre agradecido a quem lhe compra obras. As interrogações de António Lemos continuavam nessa altura: "O que leva alguém a querer um trabalho meu?". Colecionadores da Galiza, Barcelona, Madrid, estavam presentes em exposições futuras, muitos de propósito, outros porque estavam de passagem.

O pintor autodidata dá primazia à observação da natureza e faz da luz um elemento essencial para o desenvolvimento das suas obras. Os seus quadros serviram para exprimir pictoricamente as suas grandes paixões, o mar, os barcos e a natureza em geral.

António Lemos sempre gostou de diversificar e viu no trabalho dos artistas impressionistas e em diversos livros influências para seguir caminho. Um dos livros que mais o marcou foi "Pescadores", de Raúl Brandão, pelo tema e pela exaustiva descrição da costa portuguesa e da mulher de cada época.

"Um artista tem de seguir o seu tempo", mostrar a evolução do seu tempo, a tecnologia e os acontecimentos. O pintor gostava de o desenvolver com base nos problemas que afetam a sociedade, mas não de uma forma dramática e sim a mostrar a beleza pictórica.

A família teve sempre um papel fundamental na sua carreira artística e muito especial na organização das exposições. A mulher e um dos filhos consideram que uma das referências da pintura de António são as panorâmicas da cidade do Porto.

António Lemos considera-se muito autocrítico e com uma ideia bem definida de que é necessário nesta área um aperfeiçoamento constante. Revelou que deixou para trás um grande sonho, estudar na Escola de Belas Artes e se tivesse tido oportunidade também podia ter sido marinheiro.

Atualmente um problema de visão tem-no impedido de desenvolver atividade nos últimos sete anos. Espera um dia ainda retomar a pintura a óleo, tem um cavalete ainda por estrear à espera.

Não sabe como definir a sua obra numa única palavra, nem encontrar um estilo específico que o caracterize, prefere deixar isso ao olhar do público devido à grande subjetividade que a arte sugere. Mas chama os seus quadros de experiências.

Isabel Pereira Leite
bibliotecária

O díptico de Armanda Passos

Foi em Novembro de 2011, no ano do 1.º centenário da Universidade do Porto, que Armanda Passos fez doação à Faculdade de Letras de um belíssimo díptico – dois desenhos sobre tela, originais, de grandes dimensões – 200 x170 – (n.ºs. internos de inventário: 285822 e 285823), que logo foram colocados em exibição permanente na parede nascente do átrio de entrada da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
Foi no Natal desse mesmo ano que alguém, que todos os dias transpõe a porta da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, escreveu um texto sobre essas duas figuras que conversam uma com a outra e enchem o espaço simultaneamente de luz e de mistério.
Era Natal. Mas também podia ser Dia de Páscoa.
Ei-lo, cinco anos depois:

Os dois seres extraordinários gostavam da Biblioteca

Durante o dia conversavam, à entrada, um com o outro. À noite, quando apenas se ouviam as vozes silenciosas das personagens dos livros, eles entravam e apoderavam-se do espaço. Era apenas deles, ao longo de horas de autêntico prazer. Os Homens-Pássaros, que sempre os acompanhavam lá dentro, voavam em espiral, pousando aqui e ali.
Os dois seres extraordinários falavam com incontáveis criaturas, habitualmente recolhidas, que logo aproveitavam essas horas de aventura para saltar dos seus cantos e cavaquear, numa língua incompreensível ao entendimento comum. Como era incompreensível, também era inaudível. Por isso, só os privilegiados a escutavam e percebiam. Todos os dias ansiavam pela noite e pela magia desse encontro sempre renovado.
Ora, os dois seres extraordinários tinham decidido, de modo peculiar porque não tinham pedido permissão oficial para tal, assumir o papel de Guardiães da Torre.
A Torre era a Biblioteca. Bela, imponente, plena de luz, virada para as águas calmas do rio já perto da foz, dela se avistava o arco perfeito da ponte e o arvoredo da outra margem. Magnólias e japoneiras de alguns jardins encantados haviam crescido aqui e ali, onde a mão do homem chegara. O que tinha de melhor, porém, era esse ar convidativo, cativante, que chamava quem lhe passava por perto. Esse ar de quem se apresenta de braços abertos e atrai ine xoravelmente.
Assim, à solta, em redor da espiral do Conhecimento em torno da qual se desenvolvia o convívio ímpar entre homens e mulheres de todos os tempos e de todos os lugares, vinham os dois, ora cúmplices, ora aguerridos, porque plenos de seiva intemporal – aquela que corre nas veias de quem abre o pensamento ao mundo. Calcorreavam, então, os corredores, em passos largos, mal caía a noite.
Nunca os Guardiães tinham fome. Necessidade de alimento, isso sim. Alimentavam-se do que lhes era oferecido por quase todos os que viviam na Torre. Os milhões e milhões de personagens saídos dos incomensuráveis livros sentavam-se, com eles, à mesa. Alturas havia, porém, em que todos se esqueciam de se servir. Os pratos permaneciam vazios a noite inteira; as grandes travessas cheias...
Ouvir e falar ocupavam todo o tempo. Nada mais era importante. Importante, vital mesmo, era o sentimento que pairava naquele espaço. Era como que uma irmandade de ideias e de ideais. Uma verdadeira Ágora, a Biblioteca era o lugar eleito no enorme e labiríntico edifício, tanto de sombras e esquinas, como de círculos de luz.
Mas a Torre era um mundo à parte. Era-o, na verdade, até ao dia em que os dois seres extraordinários quiseram entrar, e o Monstro do Nada lhes vedou o acesso.
A Guardiã foi quem primeiro se apercebeu do Monstro. Apreensiva, tentou explicar ao Guardião o que se passava. Este logo reagiu e, pé ante pé, entendeu desafiar o Monstro. Queria entrar. Queria saber como estavam todos lá dentro; se é que estavam...
A noite era de calor. Havia janelas abertas. Alguém tinha conseguido escapar. O primeiro Homem-Pássaro voara ao encontro do Guardião e pousara-lhe nos ombros. Fora do alcance do Monstro do Nada, fora sossegá-lo, embora a inquietação não o largasse. Curiosamente, logo de seguida, duas Mulheres-Pássaros surgiram, alteradas. Colaram-se à Guardiã. Uma aninhou se-lhe entre os ombros. A outra tentava fazer-se entender. Não foi difícil percebê-la: pedia socorro!
O Monstro do Nada tornara-se, em pouco tempo, uma ameaça à Vida. De facto, o Monstro era a negação de tudo. Começara por negar a existência de quem vivia na Torre - de todo esse formidável número de personagens cujas Almas costumavam chorar e rir ao mesmo tempo. Quando, inocentemente, reagiram e quiseram chamar os Guardiães, o Monstro do Nada garantira-lhes que não existiam Guardiães à porta da Torre, e fizera parar o tempo, para que nada mais se passasse lá dentro.
Apenas aqueles três, num ápice, tinham conseguido fugir. Agora, que estavam os cinco juntos, talvez fosse menos difícil fazer o ponto da situação e tentar saber quem era esse tal Monstro.
O Monstro do Nada era contra o que existia. Absorvia e aniquilava toda e qualquer forma de Vida. Tratara, em primeiro lugar, de fazer calar os que falavam de filosofia, preparando a tertúlia da noite. Lançou-se sobre eles e engoliu-os. O Homem-Pássaro que tinha conseguido escapar fazia parte deste grupo.
O Pensamento está no início de todas as coisas. Atacá-lo, silenciá-lo é o primeiro passo a dar para edificar o Nada. Ficavam, porém, de fora, muitas das suas manifestações concretas, na arte, na literatura, nas ciências e nas técnicas, na história e na percepção do que é eminentemente social.
Foram esses os alvos seguintes. O Monstro do Nada aspirou, sorveu, até mais não poder, quem encontrou pela frente. Foi tudo tão rápido que unicamente duas Mulheres-Pássaros, mesmo sem perceberem como, voaram para a liberdade.
Enquanto na Torre tudo recuava ao tempo da não-existência, os Guardiães, com os três sobreviventes, tentavam entender-se no meio da perplexidade. O único trunfo que tinham era o facto de estarem vivos; de serem livres.
Liberdade é Pensamento. Pensamento é, também, Espírito. O Monstro do Nada apenas queria para si a Torre. Nada mais que não fosse o espaço vazio e silencioso. Assim sendo, talvez não fosse impossível gizar uma estratégia de força para, na melhor altura, investir Torre adentro e espantar o Monstro, para que voltasse a ser possível instalar a ordem dos Livros-HomensPássaros. Nem que demorasse uma eternidade!
O que provém da eternidade não tem fim. Tem um cunho único: o da eterna perenidade. Por isso, os Guardiães e os três sobreviventes perceberam que deviam continuar ali, atentos e vigilantes, procurando uma forma de consertar o mundo que se entregara à protecção da Torre por eles guardada.
Pensando bem, a única forma de o conseguirem passaria, certamente, por essa vigília de incontáveis séculos que estavam dispostos a encetar, numa conversa sem fim.
Foi esse momento preciso que ficou registado nas duas telas; no díptico do eterno porvir, do eterno pensar, das palavras que jamais serão caladas. No díptico da eterna generosidade...

João Cardim
arquitecto

A Fábrica Errante - reflexões sobre arquitectura

Me parece muito bonito – nem sempre os críticos falham

1

Em torno de 1950, uma conferência de um arquitecto brasileiro em Portugal seria notícia em todos os meios de comunicação da disciplina. Nesse período o Brasil significava, para os nossos arquitectos modernos, uma espécie de *Portugal 2.0* – um país com uma história paralela à nossa e que então recebia de braços abertos as possibilidades da arquitectura moderna, de alcance limitado na Europa, mas que era explorada até às últimas consequências em vários países da América Latina. Os mais expressivos edifícios dessa produção brasileira estavam reunidos em *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*, catálogo de uma exposição realizada no MOMA (Nova Iorque) em 1943. Neste livro, para além da vivacidade da nova arquitectura brasileira, o que surpreendeu arquitectos portugueses como Nuno Teotónio Pereira foi a mostra conjugada de exemplos do passado e de arquitectura recente, duas realidades apresentadas não em oposição mas como resultados coerentes de uma atitude consonante com o contexto e com o tempo. Este espírito de abertura deixou as suas marcas numa geração para a qual *«é a condição moderna que o Brasil atravessa que possibilita rever a importância das marcas históricas»*[1]. Foi neste panorama de abertura entusiástica ao Brasil que em Portugal se publicaram inúmeros artigos e se realizaram várias exposições de arquitectura brasileira, uma das quais em 1953, inaugurada em Lisboa com uma conferência de Wladimir Alves de Souza, professor da Faculdade de Arquitectura do Rio de Janeiro[2].

2

Hoje em dia, na era da comunicação em massa e em tempo real, com a multiplicação, na área da arquitectura como em todas as outras, dos eventos, palestras, congressos e exposições, é natural que uma conferência como a proferida em Maio último por Fernando Felippe Viégas, do colectivo de arquitectos UNA (São Paulo), tenha passado despercebida. Incorporada no encontro científico "Infraestrutura e Nomadismo", do programa doutoral Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos do ISCTE-IUL (Lisboa), não foi uma dissertação habitual de arquitectura, caracterizada por uma sucessão vangloriosa de projectos, mas sim uma emocionante lição de como a disciplina pode ser um elo fulcral na procura por um território qualificado e de vivência comum, ou seja, de como o arquitecto pode ser construtor de cidade, mesmo em tempos confusos e mesmo numa realidade tão complexa e intrincada como a de São Paulo.

O conjunto de projectos apresentados tinha como tema comum a intervenção infra-estrutural: estações intermodais de transportes, parques públicos sensíveis às questões hídricas e à redefinição de circulações viárias, ou operações de realojamento em habitação social que se afastam em definitivo dos pressupostos de um programa como *Minha Casa, Minha Vida*, em geral desastroso em termos urbanos e causador de processos de desterritorialização das populações. Vários aspectos são de relevar na produção dos UNA, exemplarmente expostos por Fernando Viégas: primeiro, a ideia de que apenas se pode partir para a proposta arquitectónica com um prévio conhecimento fundado das questões do território onde se está a intervir, invocando a geografia original do lugar e buscando nos registos do passado o ponto de partida das operações – em suma, revelando o que sempre existiu; depois, o entendimento dos trabalhos de infra-estrutura como oportunidades de reversão dos vários desastres urbanísticos da cidade, procurando que a arquitectura dê origem a lugares autênticos, colocando em diálogo as diversas infra-estruturas que hoje não se articulam nem criam espaço público qualificado. O valor principal destes projectos é, assim, despontarem o debate em torno das questões da cidade, possibilitando a recolha de críticas que alimentarão a proposta de síntese do arquitecto, plasmada no desenho: o plano como possibilidade de construção de um diálogo – *me parece muito bonito*, nas palavras de Viégas.

3

Os críticos de arquitectura fazem apostas. Por isso também falham. É o que nos explica Ana Vaz Milheiro num artigo do livro *Koolhaas Tangram*, publicado pela Circo de Ideias em 2014. Nesse artigo, Milheiro explica que uma conjectura que adiantou *«no optimismo da abertura do século XXI»* sobre o futuro da arquitectura portuguesa não se veio a concretizar, mantendo-se esta disciplina *«refém do seu próprio arquétipo»* – traçado a partir do "estilo chão" impresso na historiografia por George Kubler – e pouco permeável às abordagens centro-europeias representadas pelo arquitecto holandês Rem Koolhaas, autor da Casa da Música[3].

Mas nem sempre os críticos falham. Também no início do século Ana Milheiro tinha apontado os UNA como um valor seguro da arquitectura paulistana, embora na altura ainda não tivessem muita obra construída. A sua consolidação como escritório de referência da arquitectura brasileira contemporânea, em conjunto com outros da mesma geração, foi sendo paulatinamente desenvolvida, como se confirma não só pela quantidade crescente de prémios e de edifícios construídos, mas principalmente pelo aumentar da escala dos projectos e pela qualidade das soluções propostas. Segundo Milheiro, a obra do colectivo demonstra que *«na visão contemporânea, que superou o determinismo moderno, a historicidade e o espírito progressista não são caminhos opostos»*[4]. No entanto, estas *«gerações que reclamam o reconforto do paradigma [moderno] não são motivadas pela nostalgia do passado, mas sim por uma visão futurante que lhes permite sair da crise entretanto instalada»*[5]. É com esta visão, que parece estar muito longe do pensamento arquitectónico na Europa actual, que os UNA optimisticamente carregam a chama da substância ideológica e material da arquitectura moderna, versão paulista, recusando o chamariz do arquitecto-estrela e enfatizando a ética e o papel social do arquitecto. Já Koolhaas queria ser um arquitecto brasileiro, mas não da escola de onde despontaram os UNA.

NOTA

[1] Ana Vaz Milheiro, "A tradição em Brazil Builds e o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal", in Milheiro, Ana Vaz (2012). Nos Trópicos sem Le Corbusier. Lisboa: Relógio d'Água, p. 22.

[2] Wladimir Alves de Souza, "Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira- Conferência", in Arquitectura – Revista de Arte e Construção, n.º 53, Novembro/Dezembro 1954, p. 17-22.

[3] Ana Vaz Milheiro, "Sem sombra de Koolhaas – Os críticos também falham", in Baía, Pedro (ed. 2014). Koolhaas Tangram. Porto: Circo de Ideias, p. 87-97.

[4] Ana Vaz Milheiro, "Las cosas por su nombre", in Revista 1:100, n.º 38, Junho 2012, p. 20 (tradução livre).

[5] Milheiro, Ana Vaz (2005). A Construção do Brasil. Porto: FAUP, p. 417.

Luís Cabral
bibliotecário, arquivista

Se as casas não tivessem memória

Se as casas não tivessem memória, como haveríamos de contar as suas histórias, como poderíamos construir- lhes os sonhos? Retalho a retalho, vamos tecendo estes espaços de muitas vidas, até um dia, talvez, lhes sentirmos bem o carácter, mais as cores, melhor as tradições...

No Centenário do Liceu Feminino do Porto IV

O Liceu/Escola Secundária de Carolina Michaëlis, 1951...

Vamos então à Ramada Alta, à Rua da Infanta D. Maria, nome tão a propósito escolhido, a lembrar a muito rica e culta filha de D. Manuel I.

Ali nos espera um edifício que diremos pelo menos grandioso, concebido em termos modernos, funcionais e com uma certa marca de aparato. O seu projeto deve-se ao arquiteto José Sobral Blanco (1905-1990), autor de diversos edifícios de liceus e escolas técnicas.

Implantado num ponto alto da Cidade, a fachada precedida de uma escadaria "monumental", o grande pátio interior marcado, desde 1965, por uma bela escultura de Irene Vilar, o conjunto como que estabelece, ao longe, um diálogo com o Liceu Rodrigues de Freitas, uma casa só vinte anos mais velha, projeto do arquiteto Marques da Silva (1869-1947), hoje a partilhar o espaço com o Conservatório de Música do Porto.

Do desenvolvimento urbano e do crescimento demográfico, sobretudo na parte ocidental do Porto, resultou um aumento de frequência do ensino liceal feminino, exigindo cada vez melhores instalações. As obras do novo Liceu começaram a ser projetadas e executadas a partir de 1937, durando até 1951, e envolvendo um longo processo de expropriações, de abertura de novos arruamentos e de instalação de infraestruturas.

A Ramada Alta era ainda, ao tempo, uma zona calma, com um certo toque rural: a memória da Quinta do Barão de Forrester (que, pelo isolamento, ele chegou a disponibilizar ao rei Carlos Alberto) ou a Quinta dos Limoeiros (onde esteve o Colégio Moderno para educação de meninas) e, ali bem perto, a Quinta do Meio, que foi destinada ao Liceu de Carolina Michaëlis.

O novo edifício do Liceu Feminino, sucedendo, como vimos, às velhas e insuficientes instalações da Rua de Cedofeita e da Praça do Coronel Pacheco, é inaugurado, em casa própria, no ano letivo de 1951/1952, iniciando-se, então, uma nova fase de serviço à cidade e à região.

Neste percurso através dos diferentes locais onde esteve instalado o Liceu, há um pormenor que convirá sublinhar. A casa da Rua de Cedofeita, n.º 285, onde, hoje em dia, se encontra instalado o Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo foi, anteriormente, a Escola Irene Lisboa, aí tendo funcionado, a partir do ano letivo de 1964-65 e durante um século, uma secção do Liceu Carolina Michaëlis. Não tem, por isso, esta casa diretamente a ver com o Liceu Feminino do Porto que, como sabemos, ocupou o prédio com o número 441 da mesma rua.

Já no nosso tempo, o Liceu virá a ser transformado em escola mista, tão tarde quanto o ano letivo de 1978-1979, sendo, no início do século XXI, alvo de uma profunda remodelação de instalações.

Os quatro textos, cuja publicação se conclui hoje, serviram de base a um ciclo de percursos culturais realizado (30 de abril, 7 e 14 maio), por ocasião do Centenário do Liceu Feminino do Porto, a que se deu o nome de "As Casas de Carolina". Grupos de professores, alunas e público em geral tiveram, assim, oportunidade de (re) visitarem caminhos, espaços e algumas outras memórias do Liceu Feminino do Porto, depois de Carolina Michaëlis, e hoje Escola Secundária de Carolina Michaëlis.

NOTA

Os textos anteriores foram publicados nos números de 11 de maio, 29 de junho e 13 de julho de 2016.

Feira do Livro do Porto até ao dia 18

Ainda decorre nos Jardins do Palácio de Cristal a Feira do Livro do Porto. A variada programação cultural e de animação mantém-se e inclui a sessão de Setembro do ciclo poético «Quintas de Leitura». Será "uma singela e merecida homenagem a Vitor Silva Tavares, falecido em Setembro de 2015 e responsável pela mais importante editora independente portuguesa – a editora &etc". A sessão «Resistência é a palavra» decorre amanhã (15 de Setembro), às 22 horas, no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett. O guião poético da sessão inclui unicamente textos publicados na &etc. A conversa contará com Eduardo de Sousa, editor do livro «&etc, uma editora no subterrâneo» (Letra Livre/Novembro de 2013, ano 3 da Crise, nos 40 anos da &etc); Cláudia Clemente, realizadora do filme «&etc», e Isaque Ferreira, amigo de Vitor Silva Tavares e coleccionador de todos os livros da editora. Tem, como ele próprio admite, um caso com a &etc. A Nuno Moura (poeta com dois livros publicados na &etc.), Isaque Ferreira e Sandra Salomé caberão as leituras; a imagem da sessão é da autoria de Bárbara Assis Pacheco, que produziu muitas capas e ilustrações para a &etc, e a música estará a cargo de Joana Bagulho (cravo) e J.P. Simões.

Mas até ao final da Feira do Livro do Porto, a 18 de Setembro, a programação ainda inclui debates, cinema, spoken word, exposições, música, espectáculos, actividades para a infância e juventude e conversas à volta de livros. Nomeadamente o lançamento do novo romance de Valter Hugo Mãe e que celebra os seus 20 anos de carreira. Tem lugar hoje (14 de Setembro), às 16 horas, no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett. Destaque ainda para um «Reencontro com Vergílio Ferreira», no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no sábado (17 de Setembro), a partir das 18 horas. A propósito do centenário do nascimento de Vergílio Ferreira, reúnem-se neste debate seis especialistas vergilianos, que abordarão eixos temáticos diversos em torno da evocação da sua obra. «A obra prismática de Vergílio Ferreira - Leituras tutelares e perspectivas actuais» será o tema que abre a sessão e será desenvolvido por Helder Godinho, Fernanda Irene Fonseca e Isabel Cristina Rodrigues; a mesa será moderada por José Carlos Seabra Pereira, que será um dos oradores da segunda mesa e abordará «A figura poliédrica de Vergílio Ferreira - Testemunhos e reflexões». Moderado por Maria Bochicchio, este momento contará ainda com José Manuel Mendes e Francisco Laranjo. O debate terminará com um prelúdio musical por Ianina Khmelik, logo seguido de uma visita à exposição biobibliográfica que se encontra na Galeria Municipal do Porto até 13 de Novembro.

No último dia, o homenageado desta edição, Mário Cláudio, terá mais um momento de celebração: a estreia do filme «Os Dias de Mário Cláudio - Tocata e Fuga». "Durante quatro anos, Jorge Campos acompanhou Mário Cláudio com o propósito de criar um filme que combina a exposição com a reflexão e a participação – um olhar diferente sobre os trabalhos de Rui Barbot no seu propósito de ser Mário Cláudio, escritor português, inovador na escrita, viajante do seu tempo, do nosso tempo"... O filme, com apresentação do realizador, Jorge Campos, estreará às 19 horas, no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett.

Ainda no decorrer da Feira do Livro do Porto decorrerá a apresentação da primeira publicação da Associação Cena Poétrica, de mãos dadas com a Livraria Poetria. Trata-se de uma pequena antologia de poesia portuguesa, numa edição bilingue (Português e Inglês) – «País de Poetas/Land of Poets». A apresentação terá lugar no próximo sábado (17 de Setembro), às 18 horas, no mezanino da Galeria Municipal. Esta edição concretiza-se graça à colaboração de vários amigos e sócios da Cena Poétrica, que se responsabilizaram pela selecção, tradução, concepção e arranjo gráfico.

Os Sentidos da Leitura...

Entre 24 de Setembro e 24 de Outubro decorre a próxima edição do curso «Os Sentidos da Leitura: do Auto Conhecimento à Descoberta do Mundo (Estratégias para a Infância e Juventude)». Destinado a um vasto número de profissionais, mas também a pais e educadores em geral, bem como todos aqueles que se interessam pela Logoterapia e pela Biblioterapia, o curso realiza-se na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, aos sábados, entre as 10 e as 15 horas, num total de 25 horas. (Todas as informações em https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/cur_geral.cur_view?pv_curso_id=12041).

3.ª edição do festival Alcobaça In Jazz

O festival Alcobaça In Jazz apresenta, no Cine-Teatro de Alcobaça João D'Oliva Monteiro, dois nomes consagrados do panorama nacional do jazz: Marta Hugon (que apresenta o seu mais recente trabalho «Bittersweet») a 16 de Setembro e no dia seguinte será a vez do trio TGB, que integra o alcobacense Sérgio Carolino. Ambos os concertos têm entrada livre e início às 22 horas. O Alcobaça In Jazz, na 3.ª edição, é uma organização conjunta da Câmara Municipal de Alcobaça e da União de Freguesias de Alcobaça e Vestiaria.

Os objectos e os discursos de Setembro

Paolo Pozzan, Isabel Stilwell e Luís Cabral são os convidados da próxima sessão do ciclo de conversas Um Objecto e seus Discursos por Semana, no sábado (17 de Setembro), cujo tema será o próprio local que acolhe o encontro, a Capela de Carlos Alberto, situada nos Jardins do Palácio de Cristal. Com entrada gratuita e, como habitualmente, com início às 18 horas, esta sessão pretende revelar detalhes históricos e lendários da estadia o Rei do Piemonte-Sardenha, Carlos Alberto, no Porto. A última sessão de Setembro, dia 24, terá lugar no Palácio da Bolsa com Jorge Delgado, João Magalhães e Nuno Botelho a abordarem A escrivaninha de Gustave Eiffel. Gustave Eiffel, que viveu em Barcelinhos entre 1875 e 1877, manteve um gabinete de trabalho no Palácio da Bolsa, com vista para o tabuleiro superior da Ponte D. Luís I, "a tal" que ele não construiu. O gabinete guarda, para além da escrivaninha que será o objecto desta sessão, um aparador com uma máquina de escrever e um selo branco, alguns quadros nas paredes e cartas que lhe foram dirigidas.

Semana da FBAUP

A Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto evoca a sua história com a organização de uma semana de eventos diversos, no início de cada ano académico. Nessa semana – este ano, de 26 a 30 de Setembro – destaca-se o dia da FBAUP, que terá lugar a 30 de Setembro, pelas 15 horas.

Colóquio «O vinho verde e Alberto Sampaio»

No próximo dia 16 de Setembro, no Palacete do Conde Silva Monteiro, sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, no Porto, tem lugar o colóquio «O vinho verde e Alberto Sampaio» no âmbito do programa comemorativo dos 175 anos do nascimento do intelectual português. Invocando as palavras do presidente da Associação Portuguesa da História da Vinha e do Vinho, professor Barros Cardoso, neste encontro "procurar-se-á fixar os contributos menos conhecidos de Alberto Sampaio à melhor prática da vitivinicultura" a partir do estudo de documentação inédita do Fundo de Alberto Sampaio, depositado no Arquivo Municipal, e da sua obra publicada. Para tal, o encontro conta com um conjunto de investigadores convidados a apresentar comunicações sobre o tema. Após a abertura do Colóquio, marcada para as 10 horas – com intervenção do presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Paulo Cunha, o presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Manuel Pinheiro, e a coordenadora da Comissão Organizadora, Emília Nóvoa Faria – decorrerão 11 comunicações, repartidas por quatro mesas, estando marcado para as 16h30 o debate e encerramento. Este momento é antecedido pela quarta e última mesa, pelas 15h50, e que conta com Francisco Ribeiro da Silva que falará sobre «Alberto Sampaio e Oliveira Martins» e J. Gonçalves Guimarães para abordar o tema «Alberto Sampaio e a Revista de Portugal». A mesa terá moderação de Célia Taborda.

O programa das comemorações dos 175 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio é organizado pela Associação Portuguesa da História da Vinha e do Vinho (APHVIN/GEHVID) e pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, com o apoio da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Câmara Municipal de Guimarães, Banco Português de Investimento e Quinta de Boamense.

16 artistas em residência em Cerveira

A Fundação Bienal de Arte de Cerveira acolhe, até 31 de Outubro, 16 artistas internacionais, de nacionalidades portuguesa, brasileira, espanhola e colombiana, em residência em Vila Nova de Cerveira. O objectivo é "motivar a troca de experiências e conhecimento entre artistas e destes com a comunidade local, fomentando o desenvolvimento social e projectando as artes e cultura portuguesas", explica o coordenador artístico e de produção, Cabral Pinto.

Richard Galliano no Museu do Douro

No âmbito do programa «Douro em Movimento-Aldeias com Vida» realiza-se o concerto «New Musette», de Richard Galliano, no dia 16 de Setembro, às 21h30, no Museu do Douro, no Peso da Régua. As confirmações de presença deverão ser feitas para geral@museudodouro.pt até hoje (14 de Setembro). Os lugares estão condicionados à lotação da sala.

«Linfomas» nos Serões da Bonjóia

A próxima sessão das tertúlias Serões da Bonjóia, amanhã, 15 de Setembro, insere-se no Ciclo da Saúde e Bem-Estar e aborda o tema «Linfomas». Isabel Leal Barbosa é a convidada para abordar o tema, a partir das 21h15, na Quinta de Bonjóia, no Porto.

23.º curso organizado pelo Solar Condes de Resende

A partir de 15 de Outubro, o Solar Condes de Resende e a Academia Eça de Queirós, grupo de trabalho profissional dos Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana vão realizar um curso livre sobre História Naval do Noroeste de Portugal. Este é o 23.º dos cursos organizados pelo Solar nas mais diversas áreas, sempre com temas inovadores. Desta vez serão apresentadas por professores e investigadores profissionais com grande capacidade de comunicação, e que ao seu estudo se têm devotado nos últimos anos, as mais recentes novidades sobre esta quase desconhecida história, quando as atividades marítimas e fluviais recrudescem todos os dias em importância económica e social. Destinado ao público em geral, mas em particular àqueles que têm tradições familiares marinheiras ou que se dedicam às actividades navais, é também particularmente interessante para professores e estudantes das áreas de História, Arqueologia, Património, Sociologia, Comunicação Social e Turismo, bem assim como para os intervenientes nas áreas da Construção Naval, Pesca, Marinharia, Actividades subaquáticas, Transportes Marítimos e Museologia. O curso decorrerá ao longo de 13 sessões, aos sábados, entre as 15 e as 17 horas, no Solar Condes de Resende, ao ritmo de duas por mês. O programa definitivo poderá ser visto em confrariaqueirosiana.blogspot.com. O curso é levado a cabo em colaboração com outras entidades, tendo em conta que a História Naval da região é pouco conhecida do público em geral, dos docentes e dos alunos dos vários graus de ensino, e que em 2019 se comemoram os 500 anos da primeira circum-navegação empreendida por Fernão de Magalhães, um navegador nascido nesta região.

GYCW Porto 2016 no Atmosfera m

De amanhã e até sábado (de 15 a 17 de Setembro) realiza-se o Global Young Crew Workshop (GYCW) Porto 2016, no Atmosfera m do Porto – espaço para pensar e agir. Trata-se de um evento internacional composto por workshops interactivos, palestras e eventos de networking sobre Gestão de Projectos, onde estudantes e jovens profissionais partilham a paixão que têm sobre Gestão de Projectos. (O Programa do evento está disponível em http://www.become.pm/globalyoungcrewworkshop/program/ e os bilhetes podem ser adquiridos em http://www.become.pm/globalyoungcrewworkshop/registration/)

Festival Viana Bate Forte

A Câmara Municipal de Viana do Castelo promove nos dias 16 e 17 de Setembro o Festival «Viana Bate Forte», que decorrerá em três palcos, localizados na cidade – Palco da República (na Praça da República), o Palco de Pedra (na Porta Mexia Galvão) e o Palco da Erva (na Praça da Erva). Carminho, Capicua, Dj Ride, Samuel Úria, Marta Ren, Overule, Uxía, Salto, LST Lisboa String Trio, Virgem Suta, Nothing Places, Beatriz, Filho da Mãe, Budda Power Blues, EL Puto Coke, Nuno Prata, Peixe e Coletivo 258 são os artistas presentes no Viana Bate Forte. Os concertos, com entrada gratuita, têm início às 20 horas e terminam às 3 horas.

25 anos de Guimarães Jazz

Entre os dias 5 e 19 de Novembro, o Guimarães Jazz comemora a sua 25.ª edição e apresenta um programa com os olhos no futuro e empenhado, sobretudo, no desvendar de horizontes profícuos para o jazz contemporâneo. O saxofonista de ascendência indiana Rudresh Mahanthappa, o trompetista norte-americano Ambrose Akinmusire (que Steve Coleman recrutou para os seus Five Elements) e o saxofonista Donny McCaslin (o líder da banda que gravou Blackstar, o último álbum editado em vida por David Bowie, acompanhado por alguns dos instrumentistas que fizeram parte dessa mesma banda) constituem momentos fortes de um cartaz onde sobressai a grande juventude dos músicos envolvidos, algo evidente também no quarteto do baterista Matt Wilson, no qual se incluem o trompetista Kirk Knuffke e o saxofonista Jeff Lederer, e no septeto da flautista Jamie Baum, que estará responsável pelas jam sessions e workshops, actuando ao lado de uma formação composta por um conjunto de jovens músicos da cena jazzística norte-americana, bem como por três instrumentistas de jazz polacos.
O regresso da Liberation Music Orchestra (fundada pelo já falecido Charlie Haden, que esteve presente no festival em 2006, e agora liderada pela pianista Carla Bley) é o grande projecto "histórico" do jazz presente nesta edição do Guimarães Jazz, cujo alinhamento inclui também o San Francisco Jazz Collective, composto por alguns dos mais reputados músicos do jazz actual, nomeadamente David Sánchez, Miguel Zénon, Robin Eubanks e Matt Penman, entre outros. A terceira edição do projecto de parceria entre o festival e a Porta-Jazz terá como convidado principal o saxofonista João Mortágua. Os 25 anos do Guimarães Jazz serão assinalados com um concerto inaugural no dia 5 de Novembro – no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor, às 22 horas – dirigido pelo compositor português Marco Barroso, liderando uma formação alargada que incluiu a sua Big Band LUME, a Banda da Sociedade Musical de Pevidém e o Coro BJazz da Escola de Jazz do Convívio, um projecto que tem como objectivo principal estabelecer vasos comunicantes entre o festival e a comunidade local. Será também lançado um livro de síntese da história do festival, pensado como um exercício de homenagem aos músicos e ao público que participou na sua construção, no qual se apresenta uma perspectiva que se pretende factual e objectiva do percurso trilhado pelo Guimarães Jazz desde o momento da sua fundação até ao presente. Os bilhetes para os concertos do Guimarães Jazz 2016 já se encontram à venda.

Famalicão abre debate nacional sobre as incursões vikings no país

O que fez o Castelo de Vermoim, cabeça de terra reconhecida, "merecer" ser atacado por um grupo de invasores tão popular como mortífero, como os vikings, durante uma incursão à região Entre-Douro-e-Minho, em 1016. Quais foram as suas motivações e qual a verdadeira importância do Castelo Vermoim? As questões que foram levantadas pelo professor da Universidade do Porto Armando Coelho terão respostas por especialistas no assunto, no próximo sábado, 17 de Setembro, durante o colóquio comemorativo «Mil anos de incursão normanda ao Castelo de Vermoim». O colóquio vai realizar-se no Centro de Estudos Camilianos, em S. Miguel de Seide, Famalicão, e juntará alguns dos mais destacados especialistas nacionais e internacionais no tema das incursões normandas ou vikings na Europa. O encontro irá decorrer ao longo de todo o dia, a partir das 10h10. Com a iniciativa pretende-se debater, compreender e esclarecer um pouco melhor este período histórico e cronológico que ainda hoje suscita a curiosidade e o interesse de muitas pessoas sobre as implicações e relações estabelecidas.

12.º Circular Festival de Artes Performativas

O Circular Festival de Artes Performativas regressa a Vila do Conde, este ano, de 23 de Setembro a 1 de Outubro. Como já é habitual, a programação do Circular volta a dar destaque às residências artísticas em Vila do Conde, cujo resultado é apresentado em estreia no decorrer do Festival e através da quais se procura estabelecer um diálogo próximo da comunidade artística que se possa repercutir também na relação com o contexto local e os seus públicos. Nesta 12.ª edição, João Sousa Cardoso e Iñaki Alvarez são os artistas convidados pelo Circular a desenvolverem os seus trabalhos no âmbito de residências artísticas na cidade de Vila do Conde, a decorrerem desde Junho.

Museu da Ciência da UC no Folio

A segunda edição do Folio - Festival Internacional de Literatura de Óbidos decorre de 22 de Setembro a 2 de Outubro, em Óbidos. O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, em parceria com o Centro Internacional de Matemática e a Sociedade Portuguesa de Matemática, associa-se ao festival com o ciclo de iniciativas Utopia - Matemática e Literatura. Do programa deste ciclo, que faz parte da programação do capítulo Folio Mais, fazem parte uma exposição, debates e mesas redondas. O festival é organizado pelo Município de Óbidos.

Alterada data de conferência na Reitoria da UP

A conferência «Gestão Urbanística na área classificada como Património Mundial», integrada no ciclo comemorativo «Porto Património Mundial - 20 anos depois», que tinha sido anunciada para o dia 22 de Setembro, na Reitoria da Universidade do Porto. A conferência, conduzida por Paulo Pinho (FEUP), será realizada no dia 6 de Dezembro, às 18h30, no edifício da Reitoria da UP.

Comemorações na Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro

A Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, em Águeda, comemora o 125.º aniversário de Dionísio Pinheiro e 95.º aniversário de casamento com Alice Cardoso Pinheiro, numa Feira Editorial e Cultural - 95 anos, 95 títulos, com exposições e concerto. A sessão realiza-se no dia 24 de Setembro, a partir das 15 horas.

Festival Internacional de Cultura em Cascais

Está a decorrer, até ao dia 18 de Setembro, o FIC - Festival Internacional de Cultura, em Cascais, este ano com uma programação internacional inspirada em Shakespeare quando passam 400 anos da morte do escritor. Sob o tema «William Shakespeare: a Herança da Liberdade», muitos dos eventos do FIC são de acesso gratuito, nomeadamente os debates, embora sujeitos a inscrição (21 481 59 11/12 ou informação.fic@cm-cascais.pt).

«Fotografia e Fotolivros», workshop com Adrian Tyler

De 30 de Setembro a 2 de Outubro decorre, no Porto, o workshop «Fotografia e Fotolivros», com Adrian Tyler. A ideia deste workshop – que se destina a fotógrafos interessados na organização e publicação do seu trabalho fotográfico, bem como a outras pessoas com interesse pela relação entre a fotografia e os fotolivros – é, antes de mais, compreender um pouco da história da fotografia e do seu mercado, para depois olhar para alguns exemplos e motivações da obra de grandes fotógrafos.

Teatro Municipal do Porto

Já foram apresentados os principais destaques de Setembro a Dezembro do Teatro Municipal do Porto – Rivoli/Campo Alegre. «Casa Vaga», pelo Teatro Experimental do Porto (TEP), estará em cena de às 21h30 de 15 a 17 e de 21 a 24 de Setembro; e no dia 18 de Setembro às 17 horas, no auditório do Campo Alegre. No grande auditório do Rivoli sobe ao palco «Moçambique», pela Mala Voadora, a 16 de Setembro, às 21h30, e a 17 de Setembro, às 19 horas; no dia 24, às 19 horas, recebe «Gold», de Emanuel Gat (Israel); e a 30, às 21h30, e a 1 de Outubro, às 19 horas, o Teatro Praga apresenta naquela sala «Zululuzu».

D. Ximenes Belo no Clube Gondomarense

O Clube Gondomarense, em Gondomar, preparou para Setembro uma agenda variada. Assim, no dia 18 recebe, às 17 horas, o sarau de poesia sob o tema «Feminino e Plural»; no dia 23, pelas 21h30, D. Ximenes Belo proferirá uma conferência sobre «Educação para a Paz» e a 30, pelas 21h30, será apresentado o livro de João Carlos Brito «Dicionário do calão do Porto».

«Cordel» abre temporada 2016/2017 do TNSJ

Amanhã, 15 de Setembro, o Teatro Nacional São João (TNSJ), no Porto, "inaugura" a temporada 2016/2017 com cinco histórias reais sobre mulheres sábias, sanguinárias, místicas e apaixonadas, contadas em forma de rimas imaginosas pelo famoso Corcundinha da Cartola. «Cordel» é uma estreia absoluta e tem texto de José Carretas – que também assina a encenação – e Amélia Lopes, que pretendem reinventar e homenagear a "literatura de cordel", uma forma de literatura popular que remonta ao século XVII. «Cordel» é uma coprodução entre Panmixia e TNSJ e conta com música ao vivo interpretada por Tiago Candal, João Guimarães e Manuel Brásio. O espectáculo pode ser visto até dia 25 de Setembro e é legendado em Inglês. No dia 25 de Setembro, enquanto os pais assistem a «Cordel», as crianças dos seis aos 12 anos vão explorar a criatividade, expressividade e a improvisação fazendo uma aproximação ao espectáculo em cena. A iniciativa, orientada por Maria de La Salette Moreira, decorre entre as 15h30 e as 17h30, sendo que a inscrição é de cinco euros por criança e 2,5 euros pela participação de uma segunda criança.

«Culturas Partilhadas» na FAUP

A Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) recebe, hoje (14) até 16 de Setembro, o 2.º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira (2CIHCLB), dedicado ao tema «Culturas Partilhadas». Este evento científico pretende constituir um fórum de debate dos estudos mais recentes sobre a história dos processos construtivos, entre Portugal e o Brasil, nas suas múltiplas influências que passam igualmente pela Europa, a Ásia e a África. As inscrições online terminam hoje (14 de Setembro) em www.2cihclb.arq.up.pt e, complementarmente, entre 14 e 16 de Setembro, no local de realização do Congresso, mediante as vagas disponíveis.

Trio de cordas «1756» na FEAA

No dia 29 de Setembro, a Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, acolhe o Trio de cordas «1756», de Luís Meireles e Maria José Souza Guedes, inserido nos Encontros de Música do Porto, que a Fundação tem vindo a promover. Os concertos têm entrada gratuita, sujeita a reserva de lugar, às 21h30.

Jornadas Europeias do Património 2016

Subordinadas ao tema «Comunidades e Culturas», as Jornadas Europeias do Património 2016 decorrem nos dias 23, 24 e 25 de Setembro. São várias as iniciativas que visam comemorar as jornadas, que em Portugal são coordenadas pela Direcção-Geral do Património Cultural. O Museu Henrique e Francisco Franco, no Funchal, Madeira, assinala a efeméride a 23, entre as 17h30 e as 19 horas, com a conferência interpretativa da obra de Henrique Franco «Objectos Partilhados III», seguida de visitas guiadas às exposições «Paris: Horizonte Fatal» e «Objectos Partilhados I: Pinturas Francas». O Solar Condes de Resende assinala as JEC 2016, no dia 24, com uma sessão pública entre as 15 e as 19 horas em que serão apresentados temas como «Urbanismo e comunidades», «Elementos identificadores da comunidade gaiense», por J. A. Gonçalves Guimarães, e «Comunidades e culturas pré-romanas do Baixo Douro», por investigadores do Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana.

Jornadas Comemorativas dos 10 anos do PEUS

O Planetário do Porto e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto acolhem, nos dias 15 e 16 de Setembro as jornadas comemorativas dos 10 anos do Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS).

Leilão solidário da Casa do Caminho

Realiza-se amanhã, 15 de Setembro, a exposição-leilão da Casa do Caminho, que decorre das 18h30 às 22 horas, estando o leilão de obras de arte agendado para ter início às 19h30. O evento solidário realiza-se no The Yeatman Hotel, Vila Nova de Gaia.

Candidatura aos Prémios Europa Nostra

Estão abertas as candidaturas, até 1 de Outubro, para o Prémio da União Europeia para o Património Cultural / Prémios Europa Nostra, que é o mais alto galardão no domínio do Património – premeia os melhores projectos de restauro, a investigação mais notável, os mais dedicados profissionais e voluntários e os melhores programas de sensibilização, formação e educação nesta matéria. Em 2017, serão premiados mais de 30 projectos em toda a Europa.

ENICOP 2016 em Montalegre

Nos dias 24 e 25 de Setembro, o pavilhão multiusos de Montalegre acolhe o «Encontro Internacional com o Património - ENICOP 2016». Um evento de cariz internacional que se traduzirá em dois dias de intensa actividade, que incluem a Exposição de Artesanato Luso-Galaica. A inscrição é gratuita, mas obrigatória (direcao@aepb.pt; flg.portugal@gmail.com; lusogalaica@mundo-r.com).

Apresentação de «Um Percurso Político»

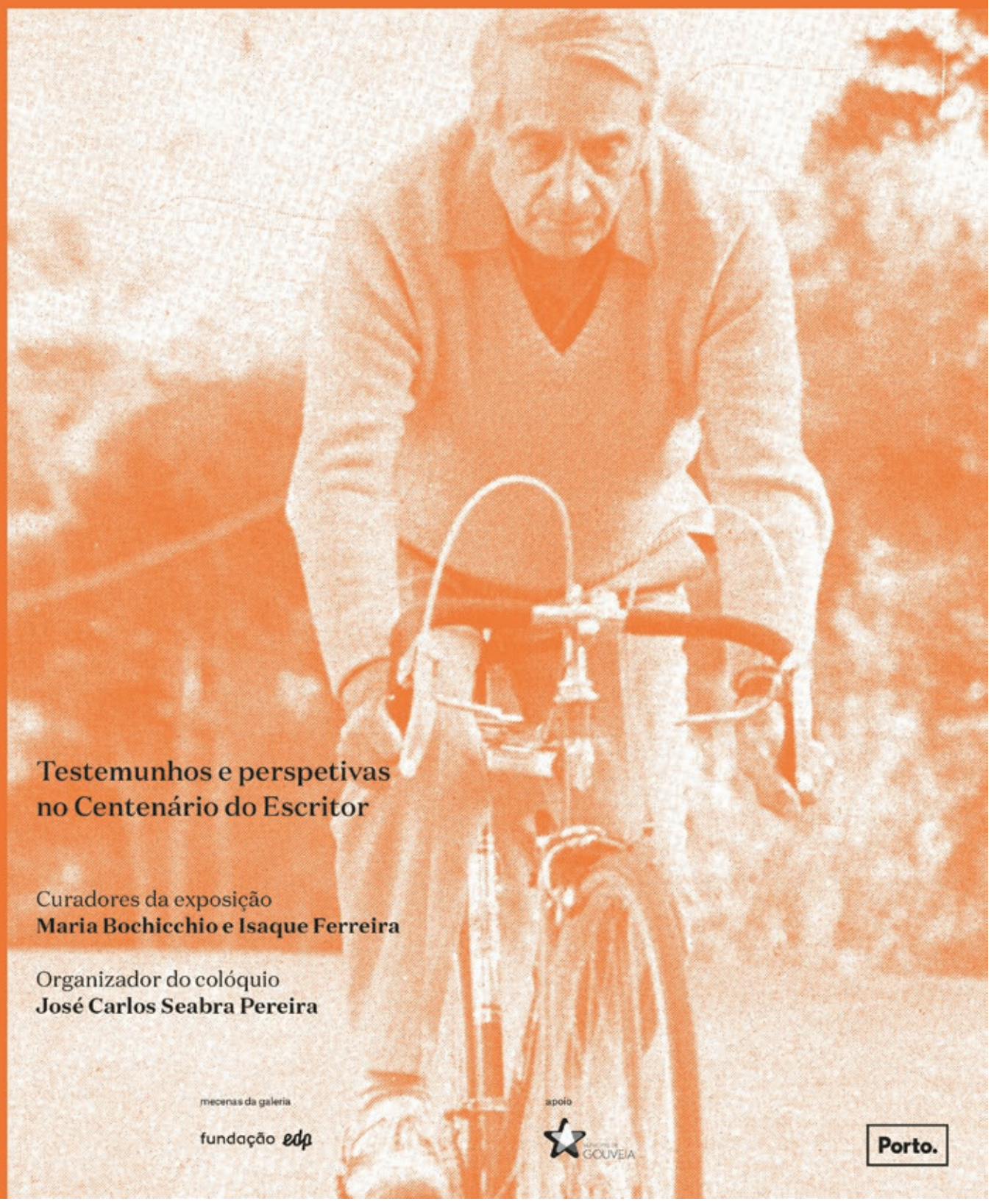
O livro «Um Percurso Político», do escritor alemão Thomas Mann, é apresentado hoje (14 de Setembro), às 18h30, na Biblioteca do Goethe-Institut, em Lisboa. A sessão contará com a presença de Teresa Seruya, coordenadora da obra, e Gilda Lopes Encarnação, tradutora.

PUB

Exposição · 02 set–13 nov 2016
Colóquio · 17 set · 18:00

Galeria Municipal do Porto

REENCONTRO COM VERGÍLIO FERREIRA



Testemunhos e perspetivas no Centenário do Escritor

Curadores da exposição
Maria Bochicchio e Isaque Ferreira

Organizador do colóquio
José Carlos Seabra Pereira

JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL
TEL: 226 1 0495 / 1 8900
DOM - SEG 14:00-18:00
ENTRADA GRATUITA

GALERIA MUNICIPAL DO PORTO

mecenas da galeria
fundação edp

apoio
GOUVEIA

Porto.

9 771647 290000 00177

Soluções de Crédito BPI

Tire os projectos do papel.

Conheça as condições que as Soluções de Crédito BPI lhe oferecem e saiba que para cada projecto da sua vida existem várias opções de financiamento. Consulte o simulador de crédito pessoal em bancobpi.pt e escolha a mensalidade mais ajustada ao seu orçamento familiar.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).

BPI